

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

Ronaldo Ribeiro Jacobina
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Saúde Coletiva, Medicina Preventiva e Saúde Pública - História e Memória

Entrevistado – Ronaldo Ribeiro Jacobina (RJ)

Entrevistadores – Tania Maria Fernandes (TF) e Joel Nolasco (JN)

Data – 07/03/2016

Local – Salvador/BA

Duração – 2h05min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. *Ronaldo Ribeiro Jacobina. Entrevista de história oral concedida ao projeto Saúde Coletiva, Medicina Preventiva e Saúde Pública - História e Memória*, 2016. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 64p.

Projeto: História da Saúde Coletiva no Brasil

Entrevistado: Ronaldo Ribeiro Jacobina

Data: 07 de março de 2016

Local: Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia-UFBA

Entrevistadores: Tania Maria Fernandes (coordenadora) e Joel Nolasco (bolsista)

Legendas: trecho inaudível: [?]; pausa: [...]

TF - Entrevista com Ronaldo Ribeiro Jacobina, em 07 de março de 2016, para o projeto da Casa de Oswaldo Cruz e Instituto de Saúde Coletiva, intitulado “A Saúde Coletiva na Universidade Brasileira – Um Estudo de Saúde Coletiva na UFBA” – desde de suas origens no Departamento de Medicina Preventiva na UFBA, esse é o nome do projeto. Entrevistado por Tania Fernandes e Joel Nolasco, na Faculdade de Medicina da Bahia.

Professor, o nosso interesse nesse projeto é pensar a Saúde Coletiva, a Reforma Sanitária, pensar todo esse projeto que foi instalado no Brasil nas últimas décadas, mudando um pouco alguns conceitos, mudando [...] ideias sobre a saúde no Brasil, as mudanças da saúde no Brasil, principalmente pautadas pela Reforma Sanitária, e como é que elas foram até hoje, como é que você vê essa história, é claro. Então eu queria que você falasse desde a sua formação. Como você chegou nessa formação, que escolha foi essa, de trabalhar com a Saúde Pública ou com esses diversos nomes que tem essa parte da saúde [...]

RJ – Esse campo.

TF - Esse campo grande que é essa Saúde Coletiva, Medicina Preventiva, Medicina Social, enfim, esses vários nomes que essa corrente de pensamento vem desenvolvendo, desde lá da sua formação. Queria que você mesmo me dissesse como é que você foi formado nesse campo.

RJ – Posso?

TF – Pode falar, pode falar.

RJ – Bem, eu entrei no curso médico querendo ser cirurgião [...] fui fazer uma monitoria em Processos Gerais de Patologia, comecei a quebrar uns tubos de ensaio [risos] aí você vê

que Deus não me deu essa habilidade – eu sou agnóstico, estou dizendo Deus em tese – a habilidade para operar. Nisso defini, entrei em crise, pensei em deixar o curso [...] depois encontrei um campo onde, talvez, um talento que Deus medeu, que foi a linguagem, e a Psiquiatria se mostrava uma ferramenta importante, e isso me aproximou. E eu conheci uma grande figura da Saúde Pública e da Medicina Social. Pessoalmente não gosto do nome Saúde Coletiva, e vou explicar porque, o Luiz Umberto [Ferraz] Pinheiro. Então a aproximação do Luiz – era um professor do Departamento de Neuropsiquiatria na época – eu e minha companheira na época também, Carmen Teixeira, nós dois fomos guinados, de certa forma, para o campo da Psiquiatria Social, nesse relacionamento, nessa identidade que tivemos com o professor Luiz Umberto [Ferraz]. Conheci o professor Álvaro Rubim de Pinho, e a paixão dele pela História e Antropologia me levou também a uma aproximação, mas essa é uma questão histórica, depois vai ter um desdobramento em minha vida muito grande. Minha tese de doutorado, tudo, segue uma linha da história. Nesse encontro resolvemos fazer o internato. Meu internato ia ser bem simbólico. Na época se permitia seis meses em psiquiatria, seis meses no Departamento em Medicina Preventiva. Aí conheci outra figura também muito importante, paradigmática para mim como professor, Luiz Umberto [Ferraz], e Jairnilson Paim. Ai [...] uma admiração muito grande que eu tenhoo esses dois nomes. Não é à toa que assim que formei, não sei se você sabe da história, se alguns já contaram. Era uma fundação estrangeira, a Fundação Kellogg quem coordenava a pós-graduação aqui na faculdade. Ele é que tinham uma linha, entende? E houve um projeto dentro da Ditadura, um processo dele, aquele espírito crítico de retomada das instituições, da democratização, entendeu, a gente já começava por ali. Eu me formei em 78. Então nós fomos – nós éramos lideranças estudantis, eu e outros colegas – nós fomos de certa forma arregimentados. Foi uma cumplicidade nossa, tanto é que eu tinha um perfil muito pensando na psiquiatria, e fui tentando construir essa conciliação da Psiquiatria com a Saúde Pública, o mestrado em Saúde Comunitária, como era chamado na época, ele nasceu sob a ideologia que [Cecília] Donnangelo lindamente analisa naquele belo livro “Saúde e Sociedade” dela. Então, mas já havia todo um processo crítico, e nós fomos elementos nisso. Aí está Maurício Barreto, que apesar de mais velho, estava no interior, então retorna e faz com a gente, está a Carmen Teixeira, está Ligia Vieira, deixe eu ver se tem mais alguém daquele período, tinha outros colegas que fizeram Psiquiatria, Daniel, que já se encantou porque as pessoas não morrem, elas ficam encantadas, aprendi isso com Guimarães Rosa, que era médico, inclusive. Então tem esse conjunto, esse era o processo. Então nós éramos

altamente politizados, às vezes com certo excesso, por exemplo, eu sou, eu tinha um carinho muitogrande, uma descoberta, sobretudo a obra histórica e a obra epistemológica de Marx. Mas eu não gosto de igrejas, não entro em igrejas. Eu tinha Marx numa visão crítica, maravilhosa e descobri Foucault, aí comece a ler Foucault, inclusive, vi que Foucault tinha uma leitura marxiana, ele tinha uma identidade própria, uma construção, mas tinha o seu próprio espaço. Eu no mestrado fui rotulado porque eu saí da graduação para o mestrado, nós já saímos, eu, Carmen [Teixeira], Maurício não, já era formado. Lígia [Vieira] também já era formada, fez patologia, depois desistiu e veio para a nossa área. Mas eu, Carmen [Teixeira], o professor Aníbal Silvano Neto, saímos da graduação para o mestrado, tanto é que o Exército quis me pegar, mas eu, antes de me formar, já tinha passado para o mestrado. [risos] Isso me deu o conforto de me livrar provisoriamente do Exército, senão ia servir às Forças Armadas, e fomos para o mestrado. Essa foi uma experiência muito rica, nessa ida, nesse encontro, onde havia essas duas lideranças claríssimas. As duas lideranças eram o Luiz Umberto [Ferraz], que era do Departamento de Neuropsiquiatria, mas tinha um papel sobretudo na pós-graduação muito grande, esse caráter instigante de pensar, Umbertinho [Luiz Umberto Ferraz] é um cara que olha adiante. Ele tem, às vezes se atropela na forma, mas ele tem essa incrível capacidade. E Jair [Jairnilson Paim], esse elemento de pensar também e de organizar. Então os dois quando se combinados [...] é pena que hoje eles estão um pouco afastados, mas esses dois para mim, e eu sou o único ponto de encontro deles, os dois [?] [risos] eles são muito, digamos assim, muito sociáveis, são duas pessoas assim respeitadas, mas os dois sabem, eu tenho um vínculo de afeto com os dois. Eu sou o encontro. [risos] Porque para vocês terem uma ideia, eu saí da graduação, a norma era dois anos depois de formado se ter um cargo dirigente. Como o Taciano [Francisco], que era da Irmã Dulce, emprestou o nome a Gerson [de Barros] para ser o presidente da ABM. É o primeiro grande momento da renovação médica, que é o processo de democratização, aqui agente faz por entidade médica, mas altamente com forte componente de esquerda, a presença do partidão, eu, por exemplo, que tinha os meus poréns com o partidão, mas tinha na figura de Luiz Umberto [Ferraz] um respeito muito grande. Eu tinha muita crítica ao partidão dentro do movimento estudantil. Eu pertenci ao Grupo Viração, que era também do PC do B mas eu tinha críticas, vocês já viram que eu sou muito independente. Quando o cara veio dizendo que era politzer, e era um tratado stalinista, para que tinha que pensar igual, o desenvolvimento dos processos quantitativos leva às mudanças, quando eu vi aquela coisa positivista, eu digo: não é esse diálogo que eu quero. Então eu me mantive, havia uma relação

respeitosa, o pessoal ligado, então eu pude me manter no Viração, que eu achava, o grupo mais do ponto de vista da faculdade, muito melhor do que a representação estudantil do Partidão, achava muito atrasada, muito, uma conscientização excessiva, não simpatizava muito com os grupos estudantis ligados ao Partidão. Mas ao Luiz Umberto [Ferraz], sabendo que ele era Partidão, eu tinha um respeito muito grande aos intelectuais, um dos homens coerentes até hoje, a vida inteira de uma coerência belíssima. Então essa militância, essa ação, veja que não é à toa essas pessoas que estão indo para a gente tomar [risos] o mestrado em Saúde Comunitária. É uma experiência belíssima. Somos nós que vamos construir, sendo mestrados, entendeu, a [...] nós fomos desenvolvendo. Não é à toa que depois vão saindo vários, que eu fui vítima de um processo ruim, porque muitos são chamados naquele processo dos colaboradores, e eu tenho certeza que eu fui vetado porque [...] pelas minhas posições políticas algumas pessoas vetaram. Quem poderia estar defendendo?

TF – Vetaram o quê?

RJ – Porque minhas posições políticas [...] [vozes sobrepostas] na hora de convidar, qualquer critério objetivo no mestrado me colocaria como professor-colaborador. Eu sei, é difícil na Bahia você falar quatro pessoas que não cheguem ao meu ouvido. As pessoas podem não me conhecer, mas gostam de mim. Isso é um processo muito importante que tem na universidade, em particular. Eu sei até de histórias de dentro: “Não, já trouxemos a mulher, não precisa do marido.” A professora Carmen [Teixeira] foi chamada, minha companheira na época, então eu sei que isso já é uma interpretação, de que eu fui alijado, naquele momento, de não ser colaborador. Isso foi um presente que a vida me deu, porque eu entrei para o concurso, eu fiz concurso com doutor da Sorbonne, mestre da Harvard, e eu entrei por concurso na universidade, no departamento, enquanto que os outros [...]

TF – Então você foi da primeira turma do mestrado?

[vozes sobrepostas]

RJ – Eu sou dessa primeira, [risos] que das primeiras está lá, essa primeira tomada política somos, nós somos os da primeira e vamos nos tornar muitos professores depois. A gente se forma, entra na universidade é o que eu estou dizendo, muitos colegas entraram, quer dizer,

Carmen [Teixeira], [Aníbal] Neto, até a professora Sumaia [Boaventura], Lúgia [Vieira], entram como colaboradores. Foi um decreto eu acho que de [João] Figueiredo, que ele pegou os professores e transformou em colaboradores, e abriu sem concurso, e nesse momento qualquer critério objetivo me colocaria, porque o Jair [Jairnilson Paim] elogiou meu trabalho e de Carmen [Teixeira] como o primeiro grande trabalho que nasceu nessa turma. Eu só tirei S, eu sou um CDF insuportável desde a graduação, o tempo inteiro, sempre. Eu fiz vestibular, sou da escola pública, onde na escola trezentos fizeram e só passaram dois, eu sou um desses dois. E foi o único vestibular que eu fiz, eu não fiz outro vestibular. Eu só fiz para a federal de medicina, foi o único, só tinha uma bala no meu revólver, e ela acertou. Então eu sou, talvez, uma das poucas coisas que eu acho que sei fazer é estudar, e ensinar necessariamente, mas estudar. Então, eu sei que nesse processo houve um certo alijamento, e eu senti que Sinval foi, mas Sinval era politizado, mas não era um bom aluno. Ele disse: nós fomos atingidos pela posição independente da política.
[vozes sobrepostas]

JN – Aquele momento que foi aquelas pessoas que eram colaboradoras aqui que foram anexadas.

RJ – Chamadas, é.

JN - Para serem professores.

RJ – Mas eu acabei entrando, a posteriori, foi três anos depois, mas entrei por concurso. Obviamente liderei o concurso dos concursados porque já tinha a Lei Sarney: aprovados, homologados e não absorvidos porque precisavam de aposentar ou morrer. Foi na aposentadoria de ACM que o [Germano] Tabacof, o reitor, conseguiu, que a vagaveio para a universidade, veio para a faculdade, e a sucessão, ele entrou no departamento do pai. O pai era catedrático de Higiene, a vaga veio para a Medicina Preventiva, portanto a minha vaga foi de ACM. [risos] Eu sou a maldição de dar todas as aulas que ACM não deu, porque depois do tirocínio teve um semestre que não tinha professor e eu comecei a dar aula, para minha paixão pela aula no Departamento de Preventiva. Aí o Luiz Umberto [Ferraz] fez: você é maluco? Rapaz, você tem paixão e tal, você é inimigo de você, você está aprovado e homologado, e dando aula, num vai sentir falta. Você pare de dar essa aula

para que haja necessidade e você possa ser absorvido. Você vê a lucidez política de Umbertinho [Luiz Umberto Ferraz] em coisas assim. Eu sou muito barthiano, né, biografiano, pequenos detalhes. Eu sei que eu liderei processo o [Germano] Tabacof, foi reitor na época, ele assumiu comigo. Até [?] tinha passado com uma nota sete, uma nota mais baixa. Eu consegui, nós conseguimos no movimento, não era grande não, viu? Todo mundo de fora, imagine, tinha sido aprovado, e ninguém era contra, tanto é que eu dizia: a comissão. A comissão era o mesmo grupo que se reuniu, reunia com o reitor com o mesmo grupo que reunimos fora. Mas obviamente todo mundo tinha o interesse em passar, e ele absorveu até o fim, ele foi até o fim da lista. Eu tenho uma gratidão a Germano Tabacof, é um homem de bem, foi muito digno. Ele não esquece de mim, porque, quando ele me conheceu, ele abriu a porta, eu digo: métodos medievais no sub métodos. Nós somos aprovados, homologados, e não somos absorvidos. [risos] Ele nunca esqueceu essa frase, com a imprensa toda lá na reitoria e eu atacando. E ele honrou, então eu entrei, fui para o departamento, e vivi uma experiência muito rica com esses colegas. E aí, uma outra coisa concomitante, eu recém-formado, como eu estava dizendo a vocês, o Taciano se demitiu, ele apenas emprestou o nome, porque ele era de Irmã Dulce, para você ver como ele era querido dentro da classe médica. E naquele momento Gerson foi um homem preso, um homem de esquerda, claramente de esquerda, liderava uma entidade no momento da renovação médica. É o primeiro grande, para vocês entenderem o processo de reforma aqui, no papel muito avançado, tem que entender esse papel de Gerson e o papel de Luiz Umberto [Ferraz] na Associação Psiquiátrica. Luiz Umberto [Ferraz] tinha articulações com o [Sérgio] Arouca. Eu conheci o Arouca, né, estava passeando em barco com o Arouca, com toda aquela geração. Luiz Umberto [Ferraz] organizava debate com Marilena Chauí, com [...] foi aí que eu conheci [Franco] Basaglia. Eu, estudante, fiz a defesa física para o empresário, que tinha na época, lembrar de não agredir. Ditadura é um horror, né? Então eu e um conjunto de seis ou sete colegas ficamos ao lado de Basaglia, onde ele ia, para protegê-lo sobre uma possível violência dos capangas do empresário e da loucura que tinha na Bahia. Então essa discussão também, você vê que a Associação Psiquiátrica da Bahia nesse movimento, com a liderança de Luiz Umberto [Ferraz], tinha um papel incrível, e nós fomos nessa luta pelo meio da renovação médica. E elegemos um comunista, o Gerson Mascarenhas, um homem histórico, preso, o Luiz Umberto [Ferraz] para secretário-geral, Jairnilson [Paim], o secretário de Assuntos Científicos e Culturais, e tem uma outra diretoria, uma diretoria fantástica, e o Taciano era o 2º secretário, atrás de Luiz Umberto

[Ferraz], mas era simbólico. Ele declinou, porque ele emprestou o nome, e eu recém-formado, porque eu não podia ser candidato, que eu tinha [...] recém-formado. Aí já feita a chapa, não havia intervenção de eu poder ser. Eu fui 2º secretário da ABM. Isso vai ser uma experiência riquíssima por que [...]

TF – Isso era em setenta e?

[vozes sobrepostas]

RJ – Isso foi em setenta [...] e nove. Eu não vou ser bom de data, podia até [...] eu tenho até aqui. Eu posso, depois, pegar aqui na memória e achar, mas 79, por aí, que eu tenho [...] coincide essa coisa do mestrado e da nossa militância, porque eu formei em 78, por isso, seguramente, é 79/80. É esse o período que nós vamos para a ABM. Isso é para vocês entenderem a luta aqui, isso é absolutamente relevante, que a renovação médica tem um papel crucial, inclusive para as outras categorias, viu? E a ABM, a Associação Baiana de Medicina, entendeu? ABM daquela época, friso, entendeu, ela vai ter um papel crucial com essa gestão na presidência de Gerson [de Barros], olha que diretoria! Secretário-geral Luiz Umberto [Ferraz] e subsecretário de Assuntos Científicos Jairnilson Paim, e eu entro como 2º secretário. Isso para mim tem um papel de militância, de solidariedade a esse grupo e a essas pessoas, que depois eu me torno secretário-geral na gestão de Paulo Moraes, que foi o superintendente do INAMPS que estrategicamente [...] ele era um homem do INAMPS, e no SUDS ele tinha um papel progressista, foi crucial, figura crucial também na questão da reforma, na transição, porque a gente vê SUS e SUS, mas teve os momentos de AIS (Ações Integradas de Saúde), e os momentos de SUDS. Paulo Moraes, você tem uma pessoa com carreira, com identidade [...] as pessoas na Previdência respeitavam a figura de Paulo Moraes, um angiologista. E ele com posições progressistas, ele foi presidente e eu fui secretário- geral na ABM, antes de ele assumir esse cargo na, e depois eu fui [...] eu sou o mais jovem presidente na história da ABM. Eu nunca tive consultório, [risos] entidade médica de consultório. Eu fui presidente da Sociedade Baiana de Medicina. Parece que os deuses conspiraram porque a Associação Médica Brasileira queria não participar, ia boicotar a 8ª Conferência. E eu sou acrófobo, mas houve um apelo muito grande que eu fui, compraram minha passagem de avião, fui para Santa Catarina. E devo dizer a vocês que, obviamente, não é a ação de uma pessoa, mas a lucidez de formular, eles disseram lá: A Bahia mantém a grande tradição de Rui Barbosa, de Castro Alves [...] vários

deles declamaram isso. Mas a minha ação foi efetiva, tanto é que eles me puniram, sabendo que eu era acrófobo, quando eu dobrei eles, que eles iam decidir não participar [...] tinha direito a quatro representações, e eles [...] um horror, porque o conselho já tinha decidido, o Conselho Federal e a Federação Nacional tinha decidido, portanto, as duas grandes organizações médicas tinham decidido, progressistas, e a AMB ia ficar junto com a ABRAMGE, Medicina de Grupo, e todos os grupos empresariais. Olha que horror! Aí sou uma das pessoas e, digo mesmo, digo categoricamente: não deixei acontecer isso. E eles me puniram me botando como delegado [risos], sabendo que eu tinha problema de viajar. Viajei, fui ser delegado em Brasília. Um horror para eu subir naquele avião! Não adianta discutir comigo, eu sou acrófobo, mas fomos lá. Então a AMB teve quatro representantes, quatro representantes, devo dizer, progressistas. Nós tivemos um papel dentro do conjunto da experiência belíssima da 8ª, [vozes sobrepostas] posso contar [...]

TF – Fala um pouquinho da [vozes sobrepostas]

RJ – Mais adiante, a gente chega lá, né? Essa experiência da ABM é uma experiência riquíssima. Eu convivi, imagine, com esses dois professores que para mim são um paradigma, politicamente. O Luiz Umberto [Ferraz] formulando, com aquela criatividade, e Jairnilson [Paim] construindo [...] construímos um congresso aqui, o Congresso Médico-Social, todas as categorias participavam, começando a politizar. Eu ganhei no Carnaval, agora, o camarote na Ifá de Lícia Fábio, que é uma das *promoters* mais famosas, caríssimo, porque a irmã da [?], nunca me esqueci Jacob [RonaldoJacobina], e ela conseguiu para mim, ela é enfermeira. Ela disse que tinha uma admiração a mim, dessa época. Ou seja, até hoje com essa contemporaneidade euresgato bem, [risos] um carinho, é um carinho dela. Então, o movimento de enfermagem eu ajudei muito na ABM. Tive a coragem de ir numa reunião, porque é muito fácil a gente chegar lá para as enfermeiras e dizer que elas são melhores para governar, para dirigir um centro de saúde, do que os médicos. Mas você chegar numa assembleia de médicos [...] o superintendente do sindicato disse: eu não tenho coragem, tem que ser você, quer dizer, defender [...] o Luiz Umberto [Ferraz], o secretário de saúde nomear no 4º Centro uma enfermeira, e eu defender numa assembleia médica e os calar. Eu digo: no currículo delas, ela tem muito mais elemento, elas não estão tomando o papel do médico. O serviço médico do 4º Centro vai ser médico, o serviço de enfermagem da Enfermagem, o Serviço Social da assistente social. Agora, dirigir um

serviço com ações preventivas e curativas, a Enfermagem tem no seu currículo muito mais conteúdo de gestão do que nós, médicos. É muito pelo bom senso, pela boa experiência. Às vezes, não têm uma boa formação em gestão, e eu que escalei. Ficaram com um ódio de mim! [risos] Imagine mais de duzentas pessoas me ouvindo, com ódio. Mas me respeitaram, a minha posição, que foi uma posição muito franca. Então, essa luta, eu penso, não era uma luta fácil, é uma categoria muito complexa, uma categoria muito complicada. Mas tinha muita gente progressista. Não preciso dizer também que os médicos [...] não era uma coisa homogênea. Nós tínhamos um componente extremamente progressista e que permitiu a gente fazer lutas incríveis da renovação médica, lutando por salário, mas lutando pela condição de atendimento à população. Nós fazíamos uma [...] os secretários eram os nossos ex-professores! [risos] A gente tinha confronto com pessoas que me ensinou Fisiologia, quer dizer [...], mas era uma coisa assim, um momento muito rico. E aprendi muito com essa com essa figura, o Gerson Mascarenhas. Eu me lembro de uma negociação autoritária com o diretor de um [...] ele tinha uns traços fortemente autoritários, o Gérson com a sabedoria fez: Jacó, vamos usar a estratégia de Ho Chi Minh. Lembra dele? Ele trouxe os americanos para lutar no território dos *vietcongs*. Por isso que os americanos perderam. Ele não sabe dialogar. Não vamos bater boca. Quando ele partir para bater boca a gente se cala e traz ele para o diálogo, onde ele não sabe dialogar. Nós conseguimos reverter a nomeação, que ele queria expulsar uma funcionária e um estudante, nós conseguimos derrotar essa liderançafamosa extremamente conservadora, não vou nem dizer o nome. Então, Gérson é essa figura também, maravilhosa. Então, foi uma experiência muito rica, e que foi nessa luta do movimento, não estou vou falando do mestrado. Isso nos dá um embasamento de leitura, de estudo, está entendendo? Aí eu fui me aproximando para a História, pensei a ideia de conciliar com a minha paixão pelo ‘psi’, tanto é que na memória a enfermeira diz: você nunca perdeu sua paixão. Eu digo: não, psiquiatra e maluco é a mesma coisa, é para a vida toda. Então esse casamento eu tinha, e eu fiz analisando a prática psiquiátrica na Bahia, minha paixão pela História. Peguei o Asilo São João de Deus como pretexto, fiz um mestrado, depois fui e fiz um doutorado. Escrevi quase seiscentas páginas, a minha tese de doutorado, com a orientação de Paulo Amarante, meu amigo, companheiro do CEBES, que eu fui presidente do CEBES na Bahia, nessa luta, e Paulo era presidente do Rio. Então nós ficamos muito amigos, tínhamos muita identidade, eleé um companheiro de geração e foi ele até que eu escolhi, o João queria ser meu orientador lá no Rio, o João Ferreira, não sei se você sabe, uma pessoa importantíssima na Psiquiatria no

Rio, ele não é da Fiocruz, ele é da universidade, não sei se a federal ou a estadual. E o João, não, eu acho que ele é São Paulo, não é Rio. Ele queria me levar para São Paulo, para ser orientando dele, mas eu optei pelo Rio, primeiro, pela paixão do Rio, tenho uma paixão muito grande, só depois da Bahia, claro, só depois de Salvador, mas o Rio [...] [vozes sobrepostas]

TF – Está justo.

RJ – É, justíssimo, é. Mas uma paixão maravilhosa pelo Rio. Aí, eu fiz o meu doutorado lá na Fiocruz. Então é essas vertentes, a pós-graduação, e essa pós-graduação convivendo também com o Jair [Jairnilson Paim], com o Luiz Umberto [Ferraz], aí a figura de Tião, aparecem outras figuras interessantes, esses intercâmbios. A figura de Romélio Aquino, que é um filósofo, que esteve sempre articulado com a gente, com as discussões de fundamentação teórica. Romélio me ajudou muito, foi quem me deu as dicas da Escola dos Annales para a História, onde não se discutia muito. Depois o Bira Gordo, que é o Ubirajara, meu amigo, amigo e irmão, [?] disse que eu conseguia coisa dele que ninguém conseguia, ele gordo num hospital, subir quatro andares, de manhã, que dizem que ele não dava aula de manhã para ninguém, mas dava para mim. Era um amigo e irmão mesmo.

JN – Ele está encantado? [vozes sobrepostas]

RJ – Ele está encantado. É outro que [...] né? O João Reis eu tinha menor contato, mas é uma pessoa que eu conhecia a obra, ele também trabalhava com essas formas. Então, essa foi uma vertente minha pela História, por aí, essa vertente minha do movimento social, e essa [...] isso quando pega na minha memória, eu estou dizendo a vocês, é um elemento muito forte na minha vida é essa militância no movimento social, que é, eu fui 2º secretário, não sei se você viu? Secretário-geral e presidente da ABM aos trinta anos de idade, eu sou o mais jovem presidente. É só você ir lá na galeria da ABM que você vai ver, minha mãe não perdoou porque eu estou sem gravata, e ela não perdoaria, com aquela elegância maravilhosa, um presidente sem gravata. Então a ABM, a trajetória. Fui secretário-geral da Associação Psiquiátrica, ela já não tinha a força que teve naquele tempo de Umbertinho [Luiz Umberto Ferraz], uma força incrível, mas era ainda, o presidente foi Antônio Nery Filho. Aliás, eu estava no Rio na casa de minha irmã, quando ele liga e diz: Jacó, eu só aceito ser presidente, eu recebendo o convite, se você for meu secretário-geral. Ele tem uma formação francesa. “Você vai ser meu Richelieu. Eu estou chegando da França, e você

é quem entende as coisas.” Eu tinha terminado já o meu ano do CEBES, isso gerou até minha aproximação com o CEBES, de escrever artigos, escrevia artigos com Carmen [Teixeira] sobre conjuntura, se você pegar o CEBES, o marronzinho, maravilhoso, tem lá artigos meus escritos com Carmen [Teixeira], sobre outros colegas, ainda mestrando, nessa discussão já, de pensando a ideia de um sistema público de saúde, a ideia de um sistema único, tal, único em minúsculo, não como nome próprio. Então está ali também o germe dessa discussão, e que gerava, tinha essa riqueza do departamento, do mestrado, já o nosso mestrado, não mais o daquela [risos] eu já professor. Teve um momento de gestão de Humbertinho, Luiz Umberto chegou, Humbertinho é Luiz Umberto [Ferraz], chegou a ser secretário- geral, e ele levou grande parte das pessoas, só que eu que conduzi o processo da indicação dele. Esse é um dado interessante. Eu que tinha um abaixo-assinado, e eu fui conversar com o Waldir [Pires]. E o Waldir tinha um secretário eleito, que era Luís Leal, que foi meu médico pediatra [risos], meu médico clínico, pediatra não, clínico meu, imagine. Queridíssimo! E eu conduzi um processo que fez [...] Valdir tinha a escolha pessoal dele, era o médico que cuidou dele, inclusive, na época que ele esteve na clandestinidade, em exílio, essas coisas, Luís Leal era a referência médica para ele. E eu levei o documento e aí por uma questão ética, isso é uma marca, eu ensino Ética aqui, a pedido dos alunos. Quinze lideranças estudantis, das mais diversas formas, foram pedir para eu ir para o eixo ensinar. Não tem gente que gosta de título na Harvard, na Oxford? Esse, para mim, é um título que eu quero levar para o meu [...] comigo, me acompanhando até o meu encantamento, eu ensinar Ética a pedido de fortes [...] um conjunto de lideranças, junto com o professor Cláudio Lorenzo, que está hoje na UNB, ensinando Ética. Então essas são algumas das coisas assim, das ações que eu desenvolvi do ponto de vista nessa luta, com essas pessoas que você obviamente conhece, provavelmente vai entrevistar Luiz Umberto [Ferraz], eu sei vai entrevistar. Eu acabei não falando tanto em Verinha [Vera Formigli] porque ela é tímida, ela não gosta de uma discussão em público, mas uma pessoa que tem uma capacidade incrível de formulação. Um documento, quando a gente ia fazer, tinha que passar por Vera. Vera tem uma escrita, Vera Formigli. Ela tem um papel assim, papel mais de bastidor. Ela não tem essa visibilidade, mas ela é uma pessoa muito fascinante nesse sentido, uma das pessoas assim, uma das pessoas públicas que eu mais respeito do ponto de vista universitário, então nisso eu me sinto muito privilegiado, a convivência com essas pessoas que eu estou dizendo a você, o Luiz Umberto [Ferraz], o Jair [Jairnilson Paim], Vera [Formigli], a própria figura brilhante de Romélio, polêmico.

Isso me ajudou muito nesse processo para atuar no movimento social, atuar na paixão, essa é uma paixão, no meu ensino, que é a minha grande paixão é a docência, né, que é o que eu faço até agora. Então foram essas vertentes. Aí eu posso falar um pouquinho, já que você pediu, da 8^a. Primeiro, foi essa briga toda lá em Santa Catarina [risos] com eu batendo de frente, conseguimos. Eles, maldosamente, me botaram para ser delegado para eu viajar, eu descobri, desgraçadamente minha referência acrófoba é Salazar. A frase mais inteligente de Salazar: “Ainda não inventaram oficina no céu.” Então todo mundo é valente, mas eu, por exemplo, como entro morto, porque já estou resignado, meu grande problema é a semana antes de eu entrar no avião, até chegar e entrar, quando eu entro no avião, ninguém é mais valente. Uma vez, no Piauí, teve crise, aquela coisa, todo mundo com pânico, eu atendendo uma mulher, friamente dando o acolhimento a ela, porque eu já estava morto, [risos] então seria [...] Então fiz essa viagem, fui a Brasília, foi uma experiência belíssima, eu acho que outros já narraram, eram mil delegados, quinhentos delegados da sociedade civil, eu sou um desses quinhentos, um dos quatro da AMB. E não fui lá para fazer número e sentar, brigar, eu tinha uma formulação clara, eu tinha uma discussão sobre a questão dos conselhos, eu tinha lido uma experiência alemã interessantíssima. Eu não sei se vocês sabem, os alemães ficaram muito traumatizados com a guerra, e quando vieram no processo da redemocratização deles, o pós-guerra, eles não aceitaram um órgão de governo que estivesse só o governo. Então eles criaram uma ideia linda, que é a ideia de uma comissão-mista. A gente tem essa distinção sociedade política ou Estado, e sociedade civil, mas cada vez, modernamente, você teme nós na saúde construímos isso, um ponto que é um ponto de encontro, onde se senta o Estado e se senta a sociedade civil, cada um mantendo seu ponto de vista, o seu aspecto e a ideia de não ser consultivo, porque consultivo tinha em muito lugar. Os alemães fizeram deliberativo. Então tinha um representante do que representaria lá a OAB, quer dizer, os advogados lá, um representante, que seria o SBPC nosso, quer dizer, o cientista, então, quer dizer, havia uma comissão de Estado e sociedade para discutir a política nuclear. Isso me fascinou na época, então fui dos defensores, formulando essa proposta do Conselho Nacional, os Conselhos Estaduais e os Conselhos Municipais, e até a ideia dos Conselhos Locais onde fosse possível, onde tivesse capacidade organizativa para [...] porque não é fácil botar essas coisas para andar. Então esse foi um ponto onde havia certo nível de divergência. Aflorou o pensamento neoliberal, eu tinha leituras, na literatura, eu escrevo, eu tenho poesias, tenho livros publicados, e o Dickens tem para mim é uma das coisas mais lindas, um inglês, ele diz que liberal é aquele

que diz “cada um por si, Deus por todos, disse a raposa no galinheiro”. [risos] Pois o cara chegou lá no meu grupo, discutindo: “Não, saúde é de todos? Não!” Inclusive, eu fui contra a Constituição Estadual eu corrigi esse erro para mim que existe. Eu não consegui convencer meus pares na 8ª, mas na Constituição Estadual quem redigiu o capítulo fui eu, Amabile incorporou, e no movimento social mais de mil pessoas aprovou e nós levamos. Eles botaram um penduricalho, mas o capítulo está escrito aqui com a ajuda do professor Romélio Aquino, que me ajudou na Semana Santa. Aqui na Bahia diz: “O direito à saúde é assegurado a todos, sendo o dever do Estado garanti-lo mediante políticas sociais, econômicas e ambientais que visem...” Aí ele vai em frente semelhante. Porque dizer que saúde é direito, para mim, é empobrecedor. Saúde é o estado vital positivo para a gente trabalhar, para a gente amar, para a gente se divertir, para a gente rezar, e para a gente lutar por uma sociedade mais justa. Então o direito à saúde, o direito a esse estado vital positivo, é de todos, e é dever do Estado garanti-lo. Chamar a saúde de direito de todos é empobrecedor. Eu sei que tem a divisão da saúde como direito social, eu conheço a classificação de Marshall para direitos civis, políticos e sociais, mas aqui na constituição está [...] eu não ganhei lá no debate, mas ganhei nos neoliberais que estavam lá, vestidos nas instituições públicas, inclusive. Que ele, não saúde é de todos? Sem problema. Agora, o dever do Estado, abstratamente o argumento era bom.

TF – Na Constituição está o dever do Estado. [vozes sobrepostas]

RJ – Agora. Eu estou dizendo que a Constituição tomou grande parte, ela mutilou um pouco o que nós fizemos na 8ª, mas lá na 8ª, é isso o que eu digo, lá, sentado, tinha dentro as instituições, que os empresários não estavam lá diretamente, mas dentro das instituições, inclusive pública, pensamentos neoliberais. Então, olha o Charles Dickens: “Cada um por si, Deus por todos, disse a raposa no galinheiro”. “Ah, a saúde é direito de todos.” Isso é consenso, ou o direito, como eu gosto, “o direito à saúde é de todos”. Olha, mas não, abstratamente correto, não, é do Estado, mas é também da família, é da sociedade, é da pessoa, é do indivíduo. Abstratamente, quem é contra disso? Mas olha a frase: dizer que é de todos, não é de ninguém, se não é de ninguém, será do mais forte. Esse é o pensamento, “cada um por si, Deus por todos, disse a raposa no galinheiro”. Você já pensou se as raposas se estruturassem? Enquanto a raposa morde e come uma galinha, duas vinham lateralmente, batiam o bico no olho e cegavam a raposa, acabou a raposa, não ia enxergar

mais ninguém para matar. Bastava quatro, três galinhas para trucidar a raposa. Ela perde uma, não sei se seria sacrificada, mas duas cegaria ela como bico no olho. Então, mas cada um por si [...] [vozes sobrepostas]

TF – Uma pergunta para você [...]

[risos]

RJ – É, cada um por si.

JN – Uma trama, outra a isca. [vozes sobrepostas]

RJ – É, uma trama, uma isca, que seria a vítima, que fosse mais vulnerável. Enquanto estava pegando aquela, duas, em vez de correr e fugir. “Cada um por si, Deus por todos, disse a raposa no galinheiro”, não pode compor. Esse pensamento apareceu, “então é de todos”. Aí eu refutei, não eu só, muitos, né, mas eu, lá no meu grupo, eu digo: não, tem dúvida é da família, é do indivíduo, mas o que nós estamos a dizer aqui é uma responsabilidade maior que tem que ser imputada ao Estado. Ninguém está negando as outras, mas, se não botar [risos] botando não estamos vendo o limite e o desafio que é essa construção! Imagine se estivéssemos proclamado que é de todo mundo! “Todo mundo, não é de ninguém, disse a raposa no galinheiro”. Então essa foi alguma das minhas contribuições. Devo dizer que [José] Sarney, quando viu o impacto, nós mudamos Brasília, mais de cinco, seis, sete mil pessoas circulando em Brasília, só ‘ligada’ à 8ª. Ela mudou, não é uma Brasília de hoje. Pense numa Brasília dos anos 80, o Sarney não foi para a abertura. Quando ele viu o impacto, isso é interpretação minha, ele resolveu aparecer, e a maioria das pessoas se levantou e aplaudiu. Mas quem está diante de você aqui, tem pessoas que não me enganam, eu fiquei sentado, não aplaudi aquele cidadão para mim ele era a consequência de uma capacidade de negociação desse país. O justo ali estaria na mão Ulysses Guimarães, que seria o mérito, tudo bem que eu tenho um carinho por Tancredo [Neves] porque diferente do seu sobrinho, que é uma piada, o chorão das propinas, o Tancredo era um homem de bem. Você vê que ele saiu do PMDB e criou um partido, mas não foi cair no colo dos setores mais conservadores. Então ele é um homem conservador, mas autônomo àqueles grupos ligados à Ditadura. Ele nunca compôs com o grupo da Ditadura. Isso para mim é de umadignidade [?]. Tancredo morreu, aí o presidente

do PFL, que liderou a derrota das Diretas Já, é de um valor simbólico fascinante, o cara, ele presidindo o PFL, era Sarneyo presidente na época. Ele lidera a derrocada das Diretas Já, e vai ser pela estrutura democrática, pelas essas negociações na tradição brasileira, presidente da Nova República. Devo dizer a você que tenho um pé atrás com tudo que é novo, Brasil Novo, Nova República, Estado Novo, aí o velho [?]. Aí chega a Saúde Coletiva. Não acho que precise mudar de nome, essa coisa de [Cecília] Donnangelo, até de Jair [Jairnilson Paim], que formula que é um novo campo conceitual. O campo é o mesmo. Eu vou mudar a medicina, ficar mudando adjetivo? E eu gosto [...] primeiro que para baiano coletivo é ônibus, então já não gosto, até por isso. Achei nos tratados de Renato Kehl, lá do eugenismo, “Saúde Colectiva”. Portanto, tem um passado também não muito simpático. A “Saúde Colectiva” era usada pelos eugenistas. E coletiva é antinomia de individual, e público é sempre coletivo porque público etimologicamente vem de povo, e ele é a antinomia de privado. E público não se confunde com estatal, porque o hospital mais público daqui, quando ela era viva, que é a Irmã Dulce, que eu estou falando o Dulce para quem não é religioso, e eu presenciei isso, era mais público do que o Roberto Santos ou os outros hospitais estatais porque quando faltava uma coisa, ela ligava para uma pessoa, empresário, vinha cama, coisa, e ela internava. Ela não dizia não. O Hospital Santo Antônio era fascinante, o hospital mais público da Bahia, quando ela era viva, não assino agora. Então o público é mais rico porque o público não se confunde, não se reduz ao estatal, e ele é a antinomia do privado.

TF – Mas como é que foi essa discussão, essa [vozes sobrepostas]

RJ – Da mudança?

TF – É, como é que é que se levantou assim, precisa mudar de nome para [vozes sobrepostas]

RJ – Não, alguém que achou...

TF – Não, sim [vozes sobrepostas]

RJ – Eu não, nunca achei que precisa de nome. O que precisa é que a Saúde Pública, a Saúde Pública é saneamento, é combate a vetores. Não, Saúde Pública é tudo isso. Ah, todos eles, quando publicam em inglês, não é *Collective Health*, é *Public Health*. Eles são muito pragmáticos nas publicações internacionais. [risos] E eu fiz uma viagem e peguei outro termo carinhoso, que é dentro de Medicina porque antes, lembre-se que antes da declaração da ONU, você não tinha esses campos, você tinha basicamente era o campo médico. A palavra medicina dizia tudo. As profissões não tinham quase nenhuma. Eu estudei o asilo, até os anos 50, não tinha uma enfermeira diplomada, quasenhuma. Só tinha um farmacêutico, era o único profissional tão antigo da Renascença, porque o médico é o mais antigo. O profissional antigo é o farmacêutico. Então a Medicina Social, não sei se você conhece a origem, é de um patologista chamado Rudolf Virchow, genial, o que propôs e presidiu uma entidade, eu vi um artigo de Juliano, eu sou o biógrafo de Juliano Moreira. Ele propôs uma entidade de Antropologia, portanto ele é um antropologista médico, um patologista. E [?], se você pegar os princípios dele, é de extrema contemporaneidade, examinar cientificamente os determinantes sociais, saúde é uma questão mais ampla. Então, o Virchow é o pai da Medicina Social, e a Medicina Social, portanto, era um grande campo! Quando nasceu a OMS proclama, a mais ampla das entidades, a noção de saúde como conceito amplo. Então eu defino aqui, por isso que o meu departamento se chama Departamento de Medicina Preventiva. Eu não quis negar o passado, até porque a palavra preventiva tem toda a crítica de Arouca, o dilema preventivista, mas a palavra preventiva também está no saber popular: é melhor prevenir do que remediar. Então eu não tenho que ter uma [...] de novo ficar tematizando. Botei preventiva nesse sentido, resgate do sentido tradicional e respeito à história, até dessa luta que nós tivemos com o Jair [Jairnilson Paim], com todo o pessoal, e botei o social.

Introduzi, aprovamos, hoje é o nome, porque [...]

TF – Pois é, Medicina Preventiva e Social.

RJ – O nosso departamento é, mas a nossa residência era de Medicina Social, entendeu?
[risos]

TF – Mas então você participou disso? Espera aí um minutinho só.

RJ – Sim.

TF – O Departamento de Medicina Preventiva, ele é de [...] espera aí, é de [...]

JN – 70, 1970.

RJ – É. [vozes sobrepostas]

TF – É, foi antes de você.

RJ - Antes de mim, antes de mim.

[vozes sobrepostas]

TF - É, departamento [...]

[vozes sobrepostas]

JN – É, porque acaba a [...]

RJ – Quem modifica para Medicina Preventiva e Social somos nós.

TF – Departamento de Medicina Preventiva?

RJ – Isso.

TF – Aí você vem com essa, com essa questão, desse número de nomes. Você já falou em Medicina [vozes sobrepostas] Saúde Pública, Medicina Social [...]

RJ – É, isso, isso, esses rótulos, esses adjetivos. O [?] explica isso, né [...]

TF – É, aí Saúde Coletiva.

RJ – Quando o problema está no substantivo, você fica alternando os adjetivos.

TF - Medicina Comunitária, quer dizer, tem vários [...]

RJ – É, denominações.

TF - Denominações, que são algumas até sinônimas, outras têm divergências.

RJ – Para mim eu fico com duas. A dimensão na Saúde Pública da Medicina, que o médico contribui especificamente, porque a Saúde Pública tem um campo que é próprio transdisciplinar. Aí eu tenho um gráfico até que eu faço, que parece uma flor, e tem um campo que é terra de todos, ou seja, você tem que construir uma linguagem transdisciplinar, independente da formação que você tenha, se você é médico, se você é enfermeiro, se você é assistente social, se você é agora Saúde Coletiva, esses cursos novos que estão aí. Há um campo ali que todos têm que construir, uma linguagem para se dialogar, tendo a sua especificidade. Mas o campo disciplinar da Medicina que adentra esse campo da Saúde Pública é o de Medicina Social. Só fico com dois termos: Medicina Social, hoje com um sentido mais restrito, que no século XIX, início do, até meados do século XX, era no sentido amplo. Medicina Social era o campo da Antropologia Médica, todos esses campos. Era um conceito virchowiano. Mas respeito isso, a ideia da OMS, a [...] você sabe que o trabalho no campo médico foi tendo uma diferenciação pelo processo de trabalho intensivo e extensivo. Intensivo são as especialidades, que surgem, cada vez mais amplas, e extensivo que eu considero uma coisa belíssima pela complexidade de diferentes profissões, um físico, hoje, faz parte do campo da saúde, e eu vi como dirigente médico, os médicos reivindicar que o físico, no Hospital São Rafael, ganhasse também a comissão

porque ele estava sempre botando os aparelhos funcionando, isso é lindo, né? Isso é de uma solidariedade pragmática porque eles sabem que eles ganhavam mais quando o físico estava entusiasmado, [risos] trabalhando ali, mantendo as máquinas funcionando. Então essas diferentes profissões, esse é o campo, esse encontro, portanto, sem chamar, sem precisar mudar, dizer que Saúde Pública é coisa antiquada, porque o mundo não mudou. Mas nas publicações mais avançadas do mundo [...] eu fiz uma viagem agora, recentemente, Carolina do Norte, tudo é botando “Medicina Social”, porque antes os Estados Unidos tinham uma interdição ideológica ao termo “social”, que para eles era comunismo. Um horror, a cultura americana tem umas coisas, a Inglaterra não, já tinha absorvido “Medicina Social” há muito tempo, mas e aí eu fiz uma viagem, agora, e os conteúdos e que nosso departamento não tem nada a dever. A introdução do Foucault como [?], quando criei a disciplina Introdução à Medicina Social, que hoje com o novo o currículo, Medicina Social e Clínica 1 no 1º semestre, como eu sempre quis, e Medicina Social no 3º semestre. Veja bem, uma das coisas interessantes é a seguinte, quando você [...] eu tentei criar a disciplina Introdução à Medicina Social contando com a ajuda de Jair [Jairnilson Paim], parceiro, Carmen Teixeira também, e Ceci Noronha, não sei se você conhece. Ceci é uma socióloga, disse: eu não sei ensinar, Jacó. Botei, ela se tornou professora, e eu tenho uma parcela nisso. Digo: você vai me ajudar. Aí criei a disciplina, baseado no apelo dos alunos no 5º ano. Ele foi para o encontro lá com o professor Antônio Alberto, lá no hospital, os meninos diziam: Olha, professor, a gente se sente, sabe que vai estar sempre estudando, mas biomedicamente a gente sente dificuldade nessa dimensão. Porque eles começaram a ter a questão da relação médico-paciente dessas coisas. “Essa dimensão mais das Ciências Humanas, a gente tem dificuldade.” Aí eu virei assim e fez [...] “A gente adora a Academia, gosta sempre de [?]...” Ou seja, o médico tecnocrata que é o grande drama na minha área, [risos] Não sei se você conhece, a Hollywood já fez até um filme, não sei se você conhece, “The doctor, o Golpe do Destino”, parece nome de um dramalhão mexicano. É um filme belíssimo com William Hurt, belíssimo. Eu exibi para os alunos durante mais de dez anos. E ele tem uma tipologia médica, o médico humanista mas desatualizado, o velhinho que não se atualiza, fica numa baixa língua, não usa a incorporação tecnológica adequada, uma médica belíssima fisicamente mas monstruosa, é um monstro que chega para ele e dá a má notícia como quem dá uma gripe, pensando que ele é médico: “Você tem câncer.” Ele foi para casa, arrasado, ele era um médico tecnocrata. Isso, gente, é baseado numa história real. “Gosto do próprio veneno”, do próprio remédio,

mas do próprio veneno, no original. E é um reumatologista, Hollywood fez, obviamente, para cinema um cirurgião torácico, porque tinha que ser charmoso, e William Hurt [...] ele tinha uns sessenta anos, e William com uns quarenta anos. É um filme belíssimo, que traz essa tipologia, e um médico humano, é um médico judeu, que o autor do livro é judeu. Aí esse médico se transforma, gosto do próprio remédio porque ele era tecnocrata e recebe da mulher a experiência tecnocrática. Aí ele se humaniza, ele aceita um xale de um porto-riquenho, ele bota música porto-riquenha antes de adormecer na sala de cirurgia, ele começa a se humanizar nas práticas, sem deixar de incorporar a tecnologia. Então eu, discutindo isso, eu dizia: A Academia se põe sempre mercado. É o mercado que deforma. E é verdade, o mercado é um horror. Mas e nós? Aí eu pensei, como é que nós recebemos nosso aluno? Aí me dei conta do seguinte, o ser humano de novo o nosso campo, a nossa paixão por Clio. Eu sou apaixonado. Você não é mais do que eu, não, viu? Você, que é historiador, a musa é nossa! Dividir [...] ela pode dividir numa boa conosco. Eu tenho paixão por Clio, que é a musa da História, e a Mnemosyne que é a memória. Então nesse processo, nessa construção da coisa, ele pega o ser humano coisificado e desistoricizado que é o cadáver. Então repare, olha a mensagem que vem recebendo o menino, ele vai pegando do ser humano como coisa. Como estudar Anatomia se não for assim? Tem que estudar assim, mas eu digo, tem que ser concomitante ter uma disciplina, um lugar onde diga, esse paciente que agora aqui faleceu, mas quando ele estiver doente, que você for atender, ele tem linguagem, ele tem uma linguagem de sofrimento. Você tem que dar a ele um tempo para ele dizer a você por que ele está lhe procurando, e você vai ver as condições culturais dele, e na hora de prescrever vai ser cuidadoso porque se você botar “de oito em oito”, ele toma oito horas da manhã e oito horas da noite, porque a pessoa com baixa escolaridade é muito literal, e pega um remédio, um comprimido, que é sofisticado o raciocínio matemático, dividiu em três vezes e saber que são três doses, e ninguém tem paciência de explicar, “Ó, minha comadre, tome aqui de manhã, ó, depois meio-dia, logo depois da [...] e de noite, depois da novela, tome o terceiro comprimido.” Então essa é a questão. Me empurraram naquele momento para o 3º semestre, eu fiquei coordenador durante anos dessa disciplina, e na reforma, “Introdução à Medicina Social”, olha o nome tributário a [Rudolf] Virchow, mas uma Medicina Social contemporânea, trazendo tudo que eu li de George Rosen, olha aí a História de novo, com Foucault, a discussão de Foucault da História da Loucura, sou um psiquiatra, a discussão de Foucault sobre a História da Medicina Social, ele tem uma visão da Medicina Social dominadora. Aí eu

tenho um texto didático, eu mostro que é polissêmica a palavra Medicina Social. Num certo sentido a Medicina é sempre social. Abstratamente, você pode pensar a Medicina sem ser, mas ela é no [...] nos gregos, ela é distribuída. A medicina hipocrática é para os senhores livres. Hipócrates só foi capaz de ver os pobres, mas não viu o escravo. A escravidão é invisível, incrível isso. Na Medicina medieval você tem uma Medicina distinta conforme as classes. Na Medicina contemporânea, aqui, no Brasil, você tem uma Medicina dividida por classe. Às vezes o cara trabalha no Aliança, faz uma Medicina de ponta, e ele vai trabalhar no SUS porque ele gosta, ele estudou numa escola pública, eu tenho médicos assim, que fazem isso, e ele está sem os recursos adequados porque o sistema ainda não se implantou adequadamente para dar ao médico todos os recursos que ele precisa. Então ele pratica uma Medicina já desigual, sendo o mesmo profissional. E não sei se ele, às vezes, tem a mesma dedicação. Alguns, com consciência, têm, mas alguns não têm, e acha que o público é só para ele receber o salário, e o trabalho dele fica no privado. Então esse desafio para mim é uma luta inglória, porque o mercado é forte, mas [?] só me botaram no 3º semestre. Na reforma curricular agora nós somos malditos. O aluno, quando eu pergunto por que Medicina, ele: “Porque eu gosto de Biologia.” Eu digo: Não, você tem que gostar de gente. Eu achei que era original, depois achei nos aforismos de Hipócrates, [risos] estava lá, os gregos estão sempre lá. Então esse [...], mas essa é a construção, esse é o papel nosso. Daí a minha ideia, Ronaldo, não do conjunto, de não ir para o ISC, porque a minha paixão acadêmica é a graduação. E eu sou psiquiatra de formação, eu li Freud, e eu dizia: “Eu conheço o conceito de alteridade.” Eu sabia que o estudante de medicina ia ter uma dificuldade muito grande com uma instituição fora. A disciplina pior avaliada no curso médico é a Política de Saúde, né? E, obviamente, quando Jair [Jairnilson Paim] tinha botado um pouco da qualidade, mas agora, creio, eu acho que com a idade e tudo, nem sempre ele está por perto, ela voltou de novo a ter [...] porque houve [...] eu fiz umas provocações, ele voltou para a disciplina com Carmen [Teixeira], aí melhorou muito a qualidade da avaliação dos alunos, melhora por causa do talento e da qualidade, pelo menos dessas duas pessoas que eu estou citando. Mas é uma disciplina, e eu sabia, e nós somos avaliados de forma inadequada, embora eu, que está aqui diante de vocês, tem trinta anos com a média de quatorze, quinze alunos acima de nove. Eu cheguei várias vezes a 9.9, a média de 10 a 12 alunos. Pessoalmente, sou um sedutor porque tenho uma paixão, vocês já notaram, pela docência. Eu sou dentro dessa área, eu não me lembro, nem Jair [Jairnilson Paim], eu tenho várias paraninfias. É raro um cara no nosso campo ser paraninfo, eu sou

paraninfo de várias turmas. São turmas, digamos assim, politizadas, malditas, [risos] especiais, especiais no sentido positivo, entende? Então essa paixão pela docência tem e, isso faz jus à minha leitura. Tem gente que gosta de só de pesquisa e que não é o caso de Jairnilson [Paim], e que foi por isso que, porque é top na numeração lá da pesquisa, fica distante, dá umas aulinhas na graduação como uma concessão, então essa é uma crítica funda minha, eu dizia: “Eu não vou.” Jair [Jairnilson Paim], o único debate que teve sou eu e Jair [Jairnilson Paim] pelo DA, e quem organizou foi o DA, nesse processo de ruptura, porque eu decidi ficar. Foram cinco que ‘ficamos’, que eu achava um escândalo, talvez a única faculdade do país que não ia ter a Saúde Pública e a Medicina Social, e como eu gostava de chamar, por isso que batizamos, essa é uma proposição histórica minha, que foi consenso, inclusive, na congregação.

TF – Mas o nome “Medicina Preventiva e Social” é mais recente.

[vozes sobrepostas]

RJ – É, fui eu que propus. Não, quando mudou, aí foi [...] não, não foi de imediato, foi um processo, nós estávamos no envolvendo com muitas coisas, mas na minha cabeça [...] eu fui mudando os conteúdos, Introdução à Medicina Social, aí a disciplina virou Medicina Social e Clínica I, Medicina Social no 3º semestre, Internato em Medicina Social. [risos] A minha paixão virchowiana, e não é ficar no século XIX. A contemporaneidade [...] eu tenho um artigo, que eu acabo de escrever, viajando por todas as universidades europeias, todas não, as principais, na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos e no Canadá. É impressionante! Nós não estamos devendo nada, e nós estamos na frente. Eu introduzi Foucault aqui, [George] Rosen, antes de muitos deles. Os alunos ficaram encantados quando viu que ele não está bebendo lá. Não, estamos na contemporaneidade, alguns deles, mas vieram a posteriori, não vieram imitando a gente porque não conheciam nossa experiência, mas uma coincidência, a gente no tempo, precocemente, trazendo essa discussão crítica.

JN – Professor [...]

TF – Me fala o seguinte [...]

JN - Explorando um pouquinho o senhor na [...]

RJ – Diga, fique à vontade.

[vozes sobrepostas]

JN - Da História, porque é muito difícil a gente conseguir fechar esse processo cronológico e conceitual dos diversos conceitos que foram surgindo, né?

RJ – Certo.

JN – Em 68, até 68 era “Higiene”, depois foi “Medicina Preventiva”, e junto com “Medicina Preventiva” tinha “Medicina Social” [...]

RJ – “Saúde Comunitária”.

JN - Tinha “Saúde Comunitária”, e veio “Saúde Pública” e “Saúde Coletiva”. Como é que foi esse processo? O que [...] assim, é difícil de definir isso, [vozes sobrepostas]

RJ – Ah, eu tenho uma apreciação [vozes sobrepostas]

JN - Mas o que diferenciaria cada um desses conceitos, assim [...]

RJ – Primeiro, Higiene é lindíssimo, não vamos jogar fora Higiene. Higiene vem de Higeia. Eu, inclusive, escuto [...] porque o princípio da integralidade está nos gregos. Asclépio, eu gosto mais do que Esculápio, porque eu gosto mais do nome grego do que do nome latino, Asclépio tinha vários filhos, entre os quais, até dois anos atrás eu só citava as duas, [?], mas descobri uma terceira. Asclépio tinha Higeia, que etimologicamente é Higiene, Panaceia, que é a Cura, porque Panaceia é o tratamento serve para tudo, e descobri Iaso que é a Recuperação. Então o conceito de integralidade está nos gregos: prevenção, cura e reabilitação, Higeia, Panaceia e Iaso. É assim que eu dou aula de Conceito de Integralidade do SUS. Encontrei as três filhas de Asclépio, eele ao lado de Apolo. Então começo com os gregos, para mostrar que está lá. Então Higiene tem um sentido, agora, ser

[...] ela ficou vinculada à, digamos, à cátedra de Higiene. É uma palavra que, por exemplo, na área ocupacional “nego” preserva até hoje, sem grandes problemas, a Higiene Ocupacional. Higiene é a dimensão coletiva, é a prevenção que é a deusa da prevenção dos gregos, entende? Então o termo veio, aí veio a tradição da Saúde Pública. Aí, digo, Saúde Pública ficou para os grandes debates dentro do saneamento. Aí eu digo: Não, o termo “Saúde Pública” nos países europeus de língua francesa, francófilos, e inglesa, até hoje preservou. Mudaram, revolucionaram, estão incorporando isso e, numa dimensão mais médica, que antes nem precisava da Saúde Pública que tinha, era o termo “Medicina Social”, que nasce e se consolida no século XIX, e que ela vai ser reescrita e retomada [?], no início do século XX, e sobretudo, com uma discussão à esquerda, na segunda parte do século XX. Por isso é que ‘social’ [?] sobrevive até hoje também. Alguns departamentos começaram a adotar nos países americanos recentemente, porque não podia botar. Tinha que botar Comunitária, Comunitário. Agora, tem uns componentes ideológicos. O movimento de Medicina Preventiva, é isso o que eu disse, o adjetivo “preventiva” está no saber popular, mas ele tinha uma forte conotação ideológica que é aquilo que o [Sérgio] Arouca vai chamar, ele vai historiar com o dilema preventivista, certo? Por isso que eu disse que não aboli, porque não é dar aos americanos o poder de tomar a palavra “Preventivo”. Eu tenho, antes dos americanos, a sabedoria popular, a tradição popular, que é melhor prevenir do que remediar, é melhor prevenir dos gregos, do que curar, é melhor Higeia do que Panaceia. Então eu não tive problema em manter, por uma tradição histórica e adicionar o “social”, mas o social não é só, ele inspira no século XIX, mas é um social contemporâneo. É a palavra “social”, como eu disse, que tem essa dimensão difusa que vem das Ciências Sociais, mas que diz com o humano, com a cultura. É essa força do social que eu quero que eu quero junto à Medicina, entendeu? É nesse sentido, é no sentido de [George] Rosen, não no sentido de Foucault, de controle. Esse é o sentido [...]

TF – Mas em algum momento [...]

RJ – Diga.

TF – Ah, desculpe, cortei seu raciocínio.

RJ – Pois não. Não, porque o sentido de [George] Rosen, que cita o Virchow, foi um

movimento social, era grafado em maiúscula. Eu fui na praça, lá em Berlim, a 17 de março. Fui lá, tive o prazer de ir lá e fotografar onde ele se [...] a sublevação dele na revolta de meados do século. Não sei se você sabe, o jovem Virchow querendo mudanças como na França, as revoluções populares já mostrando os limites que a Revolução Francesa fez. Não foram tão iguais, nem tão fraternos, nem tão livres, né, a sociedade mostrando as suas desigualdades. A burguesia anunciou uma convocação geral, depois ela foi construindo uma desigualdade brutal. Então, naquele momento, jovens idealistas, Virchow participou da revolução, dessa revolução dos meados de 1848. E está lá na praça, está lá até hoje. Tive um prazer incrível de [...] então é nessa tradição, são ideológicas. Saúde Comunitária. [Cecília] Donnangelo vai escrever seu bellissimo livro, e desmontar a ideia de [...] a palavra “comunitária” não é uma palavra nociva em si, mas, naquele sentido, tinha um componente, entende? Aí o pessoal aqui começou a querer que, Jair [Jairnilson Paim] é um dos que defendem, “não demarcarum novo campo, um campo...” [vozes sobrepostas] Local, é local, “coletivo”, é local. Quando eles escrevem, eu digo, em Inglês, eles não botam o [...] e pensaram que é original, porque não é, porque eu achei nos textos de eugenia “Saúde Colectiva”. [risos] Então “nego” já usava também o “colectivo”. A História nos empodera, né?

TF – Sim. Aí, quando foi criado o Departamento de Medicina Preventiva, por que é que não se chamou? A proposta dele já era uma transdisciplinaridade [...]

RJ – Certo.

TF - Não era só medicina?

RJ – Isso.

TF – Isso era uma pergunta. Por que não era “Saúde Pública”, Departamento de Saúde Pública, em vez de ser “Medicina Social”? Uma curiosidade [vozes sobrepostas]

RJ – Excelente isso! Primeiro, com a criação do ISC [vozes sobrepostas]

TF – Não, foi antes da criação do ISC, lá em 70 [vozes sobrepostas]

RJ – Não, lá é o... foi o conservador americano, é Roberto Santos! Não era essa turma, não! Que Jair estava nada!

TF – Eu sei que não era Jair [Jairnilson Paim] [vozes sobrepostas]

RJ – Eles montaram dentro da ideologia. “Medicina Preventiva” é da ideologia da [...] que Arouca [...] o movimento ideológico da Medicina Preventiva.

TF – Mas não tinha na proposta, não era uma transdisciplinaridade, era um departamento para a Medicina?

RJ – É, olha, havia algum nível. Vamos fazer justiça ao Roberto Santos, [?]. Não teve porque o grande nome daqui foi para São Paulo e levou para lá, é um baiano, mulato baiano que abre a Universidade de São Paulo e bota Cecília Donnangelo, escandalizando os paulistas! Não sei se você sabe, o Guilherme [Rodrigues], o genial Guilherme, que vai escrever o texto, dentro da Ditadura, não esquecer que nós estamos dentro da Ditadura, onde ele escreve conciliatoriamente, mas colocando os elementos estruturais, o mas é um homem de esquerda. Ele com cuidado, porque ele, imagine, foi perseguido, ele não podia ser vetado, ele coloca um textozinho [?]. Não sei se você tem. Eu tenho em casa em algum lugar esse texto. Ele coloca a ideia da Medicina Preventiva nos elementos estruturais, e ele pega e cita Virchow, [risos] ele cita os elementos estruturantes críticos da Medicina Social, mas ele não usa o nome porque ele estava soba Ditadura. É um exemplo muito interessante disso. Então o nome, tanto é que o nosso mestrado é “Saúde Comunitária”, e depois foi construindo, mudando a denominação, entendeu? Quer dizer, os nomes não são inocentes. Essa ideia de botar “Saúde Coletiva”. Agora, eu li [?]. Recomendo vocês lerem mitologia. Vocês vão ver, [?] tem uma ironia muito grande. Ele diz: “Quando o substantivo não muda significativamente, você fica mudando os adjetivos.” Por isso que eu tenho um pé atrás com “nova”, Universidade Nova, né? Sarney chamou de “Nova República”, Collor de “Brasil Novo”, e a pior ditadura desse país foi o “Estado Novo”. Todos esses que eu estou falando, é tudo velho, inclusive a “Universidade Nova” é velha, tem um dos vestibulares mais fratricida, que foi implantado aqui na UFBA. Fizeram uma reserva de vaga para o BI [bacharelado interdisciplinar]. Eles se comem porque são oitenta, quando não é cem por

cento dos alunos querendo disputar as 32 vagas de medicina. Então fizemos uma coisa extremamente perversa. Eu sou contra essa reserva de vaga para a medicina, medicina deforma o bacharelado. Eu acho o bacharelado uma ideia interessante, permite à pessoa [...] dá uma formação universitária, dá uma [...] humaniza, dá uma [?] humana, mas eles deviam ser como todos os outros professores, e disputar depois o vestibular, e com a qualificação igual ao farmacêutico. Nós temos visto cada vez mais fisioterapeutas, farmacêuticos, querendo a medicina. Então, pior é que nesse processo de reserva de vaga vem a lógica do sabido e não a do sábio, então vem o cara querendo que vai ser um médico empresarial, um médico voltado para o lucro, ele vem porque medicina dá dinheiro. É um horror. Vem, estão lá, vivendo, se elogiando, puxando o saco do pessoal lá do BI, mas não se iludam, quando vêm aqui, começam a botar as manguinhas de fora.

TF – Então como é que o Departamento de Medicina Preventiva começou a trazer essa transdisciplinaridade para dentro dele com os professores? [vozes sobrepostas]

RJ – Essa turma é, nós como soldado [...]

TF – Mas como é que eles vieram?

RJ – Começa na pós-graduação.

TF – Como é que eles vieram? [vozes sobrepostas]

RJ – Vieram através da formação, pessoas de esquerda, como o Jair [Jairnilson Paim] tem um papel. Aí ele é instigante. Vocês [...]

TF – O Jair [Jairnilson Paim] é médico?

RJ – Sim. Ah, não, espera aí, primeiro começa com os médicos, [vozes sobrepostas] para trazer os outros, mas são médicos que têm essa cabeça, que não, médicos emédicos. São esses caras... É Luiz Umberto [Ferraz]. Essa visão de Luiz Umberto [Ferraz], essa visão... é aí que vai aproximando, porque nós vamos trazer a Ceci [Noronha], que é uma socióloga, vamos trazer Terezinha, que é uma educadora, vamos trazer Romélio [Aquino], que é um

filósofo – na verdade, é um advogado... Quem traz essas pessoas é... Quem trouxe Marilena Chauí? Luiz Umberto [Ferraz], desde a Psiquiatria, começa a trazer essas pessoas, traz o Gentile [de Mello] também, para discutir, que a unidade de saúde é [...] um fator incontrolável de corrupção [...] aquele indicador US que tinha, que quantas US eram [...] terrível, né, da produtividade, ‘nego’ inventando diagnóstico, inventando procedimentos. Então eles têm um papel nisso, e aí vai se ampliando com nosso departamento. Eu tenho no meu departamento [...] num concurso que abriu tinha dois candidatos médicos e uma assistente social com formação. Foi ela que passou, a única, e os dois foram reprovados, não conseguiram ponto, e a professora Ana Angélica [Trindade] é do meu departamento. Eu tenho uma professora em Ética, que é médica e é filósofa, é formada em Filosofia. Eu tenho uma professora que é odontóloga, eu tenho [...] no meu departamento. O Departamento de Medicina Preventiva, estou lhe citando aqui, claro, um predomínio, sobretudo na horado Internato, você precisa de médico. Você não pode nem ter [...] porque há demandas de uma certa inserção que tem que ser médico para exercer, mesmo que seja uma medicina atuando no Internato para [...] com dimensões da Medicina Social para uma Saúde Pública, entendeu? Mas nas disciplinas, essas que construímos cá, com a questão antropológica [...] então trazer o antropólogo da [...] nossos professores substitutos [...] O André, que até é meu filho, veio como substituto. Ele se submeteu a um concurso, e é historiador. Eu tenho dois historiadores, tenho um antropólogo, dois, três antropólogos, Cláudia [...] três!

TF – Hoje?

RJ – Não, substitutos. No Departamento eu tenho a Ana Angélica [Trindade], que é assistente social, tenho enfermeira... entendeu? Então é essa pluralidade... No nosso [...] antes tem essa coisa de Terezinha, que muitos foram lá para o Instituto... Então essa abertura se deu, mas primeiro... a partir... dentro dos próprios médicos. Lembre-se que foram alunos de Medicina que foram ser os soldados da implosão do mestrado da Rockefeller. [risos] É Carmen [Teixeira], é Maurício [Barreto]... Eu brinco com isso e com toda essa discussão, até bem pouco tempo a hegemonia sempre ficou na mão dos médicos, né? Foi mais recentemente que os diretores começaram a mudar, mas todos foram diretores. Só o Jair [Jairnilson Paim] que não gostava, mas foi. Foi Naomar [Almeida Filho], foi Maurício, foi Eduardo, foi sempre os médicos, né? Aí eu digo: “Um dia, vai cair...” Aí

começou, que bacana, outras pessoas começaram a dirigir, e não mais os médicos, já era tempo. Demorou um pouquinho, mais do que eu imaginava.

TF – Sim, mas ainda, voltando para coisa conceitual, para quem for ouvir depois ficar mais claro, com todos esses nomes, você estabelece essas minúcias de diferença ou você acha que está tudo no mesmo barco? Como é que você vê isso?

RJ – Por exemplo, uma vez eu brinquei porque nós até ficamos. Você viu que o meu critério, tem um critério eminentemente, a questão da alteridade e a minha paixão pela graduação, eu sabia, por isso, claro, teve outras coisas, situações [...] foi conflitiva a secretaria, a experiência de Luiz Umberto [Ferraz], que era como um irmão para Jairnilson [Paim], e aí eles [...] e houve um processo nisso que esgarçou um pouquinho uma das coisas lindas que é essa relação, entende? Nisso, Vera [Formigli], que na época era mulher de Luiz Umberto [Ferraz], também define, que era muito ligada a Jairnilson [Paim] brincava, eu faço essas categorias que ninguém tem coragem de fazer, porque eu estudei Freud, [risos] então tenho esses componentes. E nisso gerou certos distanciamentos, acabou provocando um pouco esse aspecto, essa distinção, entende? A minha era muito conceitual. O Departamento [...] Jairnilson [Paim] tinha uma proposta que dizia que não iria ter jeito. No debate lá com o estudante, o sonho dele era um grande instituto de Saúde Coletiva, Saúde Pública, ou Medicina Social. Ora, se fosse feito, não havia como exigir um privilégio, porque nenhum dos cursos teria esse conteúdo do campo da Saúde Pública, certo? Mas eu avisei para ele, e minha tese foi que prevaleceu, eu digo: “Jair, ninguém vai abrir mão. Não é a Enfermagem Comunitária, que é imensa, que é quase 50% do curso, mas até a Odontologia Social, que é deste tamanho aqui, vai preferir ser rei na aldeia do que ser súdito lá no império”, que é o que seria [vozes sobrepostas]

TF – Toda?

RJ – Era o sonho dele, dele, dele, e que não conseguiram, e ia levando unicamente, porque era de dentro de Medicina, e aí é uma forma autoritária, e foi violento o processo, por isso que tem sequela, por isso que você não vai ter Vera [Formigli], nunca, indo entrevistar Luís, nem Luiz Umberto [Ferraz], ele também não gostaria de ir lá. Mas já fui lá assistir aula e tudo. Não tive esse problema maior. Porque eles lacram a porta, né? E Jair [Paim] não votou, vamos fazer justiça a quem merece, né? Aprovaram, meu poema está aqui, para

ler para vocês: “A Porta”. Os reis – está em Francês – não, não abre as portas, [?] “*Porta* é passagem, comunicação. Ao fechá-la, ela guarda, mas aguarda logo, logo, seu destino, seu devir. Se aberta, ser caminho para o sábio, para o poeta, para o padre, e até para o capitão. É [?], Soweto, Volta Redonda. Lacraram as *portas* da Razão.” Tudo o que tiver “porta” aqui está em itálico. “Por*portas* travessas, dói mais quando lacram as *portas* da percepção, mais ainda se lacradas são as *portas* do coração. Sem saída, estão abertas as *portas* do Inferno aos tiranos e seus vassallos, ao latão sem brilho, que para pensar pede licença, ao covarde que arde na omissão, à alma pequena, que nunca vale a pena. Se os reis não abrem e os tiranos a lacram, que fique para quem se importa os prazeres da *porta*. Um dos prazeres da *porta* é abrir.” Bom, lacraram a porta [...]

TF – Então conta para a gente essa história de porta.

RJ – Vou contar.

TF – Mas tem que contar.

RJ – Esse processo foi [...]

JN – É [vozes sobrepostas]

RJ - Muito conflitivo, muito conflitivo porque para você ter uma ideia [...]

[vozes sobrepostas]

TF – Processo de criação.

[vozes sobrepostas]

RJ – Na hora de criar e de ficar. Portanto, se prevalecesse essa ideia original do debate meu com o DA e com o Jair [Jairnilson Paim], eu já disse, eu não iria ficar definindo uma posição, você jamais me veria colocar no lugar de um privilégio a Medicina tendo os outros não tendo, certo? E eu adverti [...]

TF – Então a ideia original [vozes sobrepostas]

RJ – É dele, era o sonho dele, era o sonho de Jair [Jairnilson Paim] [rindo] agora eradele, e não do conjunto.

TF – A ideia original era, do instituto [...]

[vozes sobrepostas]

RJ – É, o dele. Quer que eu seja duro? Eu vou ser duro, eu sou corajoso, vou ser duro. A ‘tchurma’ em torno dele vivia situação de privilégio. Então, queria uma elite, não ia querer abrir [...] ele é um sonho, utópico, porque querer todas as unidades [...] ‘nego’ queria [...] As pessoas queriam para estruturar, como é para a produção, são extremamente produtivos para ganhar toda essa titularidade. Muitos deles não suportam a graduação, nunca gostaram. Não é o caso de Jair [Jairnilson Paim], não é o caso de Carmen Teixeira. Não vou citar mais um, só cito o virtuoso, o negativo você jamais vai obter de mim aqui, na minha entrevista. Eu falo o virtuoso, certo?

TF – Mas só para [...]

[vozes sobrepostas]

RJ – Então, entendeu? Então o sonho dele, nem a Odontologia quis ir. Ela manteve-se como [...]

TF – Mas foram consultados e tal [...]

[vozes sobrepostas]

RJ – Lógico! Consultado em que? Não havia uma boa vontade. Havia a boa vontade de Jair. Ele era uma liderança fantástica, ele era muito querido pelas diversas categorias, está entendendo, mas não foi, não [...] a enfermagem não ia abrir da sua metade, tal, contribuição de professor. Aí eu digo, Medicina, por que é que Medicina vai ser a única Faculdade de Medicina que não vai ter, vai ter Panaceia e Iaso, e não vai ter Higeia? Eu formulava com a História. A História [...] isso foi um discurso de um diretor que ganhou na congregação, e nós aprovamos criar [...] a Faculdade de Medicina aprovou criar o ISC, e eu não votei contra. Eu queria a gente criar [...] um grande, um [...] como o pessoal fez em Humanas, aquele Centro de Estudos, onde você publica, tem pós- graduações lá, CRH

(Centro de Recursos Humanos), não é isso? É. Tem um grupo na universidade que é ligado ao FFCH, mas é autônomo, onde você tem pós-graduações, pesquisas, lá na... Você vai lembrar dele, que o pessoal... CRH, se não me engano, CRH, Centro de Recursos Humanos [...]

TF – Depois a gente [...]

[vozes sobrepostas]

RJ - Não, não é Recursos Humanos.

TF – Não.

RJ - Não, é o desenvolvimento, uma coisa assim. É uma coisa que fica ali em cima, perto de onde era o antigo DCE, funciona ali, naquele lugar onde era o antigo Instituto de Matemática. Então é uma coisa ligada ao Instituto, a nossa proposta era [...] a minha proposta era essa, de muitos, isso seria consenso. Não. Como o pessoal enxergou Gordo, Eliane [Azevedo], reitora [vozes sobrepostas]

TF – Então a sua proposta era que tivesse?

RJ – Que a gente crescesse, mas mantivesse o vínculo nosso no ensino com a Medicina, porque eu trazia [vozes sobrepostas]

TF – No Departamento?

RJ – No Departamento. Então o Departamento poderia criar esse instituto, não haveria obstáculo nenhum porque ‘nego’ tinha um respeito danado. Mas quando veio a ideia de criar um instituto próprio, e as pessoas desenvolverem suas práticas em pesquisa [...] tanto é que eles viram depois que tinham que se envolver na graduação, que para a maioria deles não era o interesse, nunca tiveram investimento, nem gostavam de dar aula, botavam os seus tirocinantes para fazer, então tiveram que assumir, agora assumir um curso de Saúde Coletiva, com muita dificuldade, muito pouca adesão. A gente sabe de toda dificuldade que tem esse curso. Então é essa a questão. Nisso aí, portanto, que eu defendi, que ficasse o

departamento. Não houve a proposta originária de ser um grande instituto, onde eu teria que ceder, embora achando equivocado que [...] então não vamos também Medicina ter. Ficamos cinco. Hoje, somos mais de vinte. Tem uma estrutura toda, tem uma pós-graduação, entende? Então essa foi uma luta que nós travamos. Nesse processo houve práticas de intolerância, que obviamente não foram do professor Jairnilson Paim. Lacraram a porta da sala porque na divisão se respeitou a sala, isso é um espaço universitário. Eu ainda ensinava, e a professora Vera [Formigli], na residência, ensinava lá. O meu sonho, antes dessa violência da porta, era colocar vinte horas aqui em Medicina, e o compromisso em graduação, e colocar vinte para a residência, que era uma paixão minha que estava lá no ISC. Diante dessas atitudes de violência, aí [...] uma coisa [...] para mim, me lembrou Vera [Formigli]. Eu peguei Vera [Formigli] chorando. Quando eu subi, que eu a encontrei, ela estava chorando, né, a porta lacrada. Ela disse: “Isso é como os nazistas faziam com os judeus. Dá para ver, eu estou aqui, olha, lacrada, isolada, a porta lacrada...” Foi um processo! Para a gente não poder passar. A gente só tinha a porta de saída. Eu fui, dei um pontapé [...] ia arrombar, quebrar a porta. Naquele momento eu estaria perdoado. Mas ela me segurou [?]. Depois, ‘nego’ decidiu assim: “Vamos arrombar a porta.” Eu digo: “Agora, mais não.” Tinha que ser naquele momento. A minha indignação, eu tinha que quebrar aquela porta em pedaços. Abrisse processo contra mim, o diabo. Dei-lhe uns pontapés [...], mas depois, aí já era. Passou, né, vamos [...] né? Foi bom [vozes sobrepostas]

TF – A porta que separava o instituto do departamento?

RJ – É. Tinha assim, a sala que se preservou essa [...] primeiro, a minha sala era dentro, com as musas. Eu nunca tive problema pessoal com as pessoas. Eu adorava conviver com as musas, Grace, a mulher de Maurício [...] como é o nome [...] Estela [Aquino], uma maravilha. Nós divergíamos, mas eu aprendi a divergir mantendo o carinho. Aí eu vi a construção toda de nos deslocar, eu vi, para botar dentro da sala de Vera [Formigli] com Sumaia [Boaventura]. E eu reagi, mas aí, nem, mas a gente fica junto. [risos] Já era o plano de isolamento do campo de concentração. Aí, quando botou, aí veio, lacrou a porta de dentro, a gente só podia sair. Podia até tentar entrar para ir à biblioteca, a biblioteca da UFBA, não é a biblioteca. Você sabe que ela pode estar em qualquer unidade, mas ela é da rede de biblioteca, ela não pertence à unidade. Até isso [...] esse [...] um ato como esse é um ato de [...] irreversível, irreversível. Por isso essas pessoas são incapazes de ir lá. Eu

não, eu fui lá, assisto o curso, procuro Jair [Jairnilson Paim] [...]

JN – Em que ano foi isso, professor? [vozes sobrepostas] Lembra?

RJ – Ah, não [...] vai ser difícil [...] o poema [...] eu botei [...] porque aqui eu fazia [...] eu dedicava, né, eu denunciava [...] vou ficar devendo isso, a data [vozes sobrepostas]

TF – Tá, essa parte.

RJ – Mas isso foi no desdobramento do [...] foi uma pena acontecer, senão [...] se ele quisesse, né, eu acho que eu tenho o perfil, eu poderia [vozes sobrepostas]

TF – 96?

RJ - Eu poderia estar dando a parte [...]

TF – Foi criado em 95?

JN – Não. O Instituto, o documento em 94, foi aberto em 95, então foi antes [...]

TF – Então, [vozes sobrepostas]

JN - A porta foi antes.

TF – Não, o instituto já existia.

JN – Não, não, isso foi no DNP [vozes sobrepostas]

RJ – Não, o instituto já existia, mas havia uma convivência na transição [vozes sobrepostas] por isso que nossa sala ainda estava lá.

JN – Então foi 95/96.

RJ – E na hora em que se pactuou não poderia nos expulsar, porque a sala era comum, a

sala era lá.

[vozes sobrepostas]

TF – 96

RJ - A sala era lá. [vozes sobrepostas] Por isso que eles deslocaram minha sala, onde eu convivía mais, digamos assim, amiúde com as musas [...] a Musa era um projeto que tinha esse nome, que era de Saúde da Mulher, entendeu? Eu não tinha problema nenhum. [risos] Eu quero dizer a vocês que algumas pessoas acabaram adquirindo. Eu não, eu sempre tenho uma leitura política. Por isso que eu tenho uma construção de amizade... Hoje, Carmen [Teixeira] está no IAC. Eu vou para várias bancas de Carmen [Teixeira], de orientandos de Carmen [Teixeira]. É minha ex-mulher, é a mãe de meu filho, mas tenho uma relação respeitosa, carinhosa e de admiração mútua, que eu imagino. Cabe a ela saber se tem, mas de mim sim, tenho por ela. Com o Jair [Jairnilson Paim], é uma coisa carinhosa. No lançamento desse livro ele foi duas vezes. [risos] Ele foi a primeira vez na data errada, depois foi no dia certo. Já até dei a ele um livro de presente, porque eu digo: “você vai duas vezes, merece um de presente. Já comprou um, mais agora um.” Então, não por acaso Jair [Jairnilson Paim] foi um dos votos que eu sei, porque eu já disse, eu acabo sempre sabendo as coisas, que, além disso, votou contra. Então, como ele não foi votar não, é nem votou contra, ele não foi consultado porque ele, com a postura dele, ele não admitiria esse tipo de violência e imaginar [...] Jairnilson [Paim] tinha uma relação linda de fraternidade com Vera [Formigli]. Ele imaginar como eu peguei Vera [Formigli] chorando. Eu nunca vi Vera [Formigli] chorando, a não ser nessa, porque é uma pessoa forte. Vocês vão entrevistar. Quando eu entrei, a porta, sem saber, a coisa lacrada. Eu fotografei. Depois os estudantes fizeram [...] fizeram, declamaram o poema na frente da porta, os alunos de Medicina são meus aliados. Olha, se eu fosse mesquinho e vingativo, várias vezes o diretório [...] o pessoal politizado, de esquerda, foi lá na minha sala pedir para a gente tomar a política de saúde do ISC, várias. Eu digo: “Não.” Na hora em que dividiu, e aí Jair teve um papel corretíssimo. Ele era um membro do ISC e eu era um membro do departamento na divisão, sabia? Ele teve uma dignidade. É claro, ele lutou, ele queria tirar Introdução à Medicina Social para botar os estudantes de Medicina lá. Eu digo: “Pelo amor de Deus! Eu tenho um conteúdo médico que é da Medicina do Trabalho, que só se dá no curso aqui, você vai dar para as outras profissões? Não faz sentido!” Então nós tivemos, ali responde àquela sua

pergunta, que nos voltar mais para a formação médica, mesma dimensão médico-social de Saúde Pública, mas tomando elemento do médico, certo, se existe o instituto. A mesma coisa que fez a Enfermagem, que fez a Farmácia, que fez a Odontologia Social, entendeu? Então, nesse sentido [...] é aí a minha coerência. Eudigo: “Não, a antiga Saúde Pública é a disciplina por onde eu entrei!” Eu entrei por Saúde Pública, que depois foi renomeada Política de Saúde. Eu digo: “Política de Saúde é para o Instituto de Saúde Coletiva, que é Saúde Pública para mim.” Eu acho esse nome, eu não gosto. Coletivo para mim é ônibus. Então Saúde Coletiva é a disciplina lá, por isso nunca fiz, e digo a você, não subestime não. Se eu tomasse com os estudantes a gente já tinha [...] eu tinha lideranças e forças, e tenho até hoje, mas teria, naquela época, muita junto à direção e tudo, para com o alunato que era o nosso curso. Eu, por exemplo, tive, eu sou muito amigo do Luís Eugênio, foi meu aluno querido, né? Foi atacado pelos companheiros, que hoje são do ISC, e hoje Luis Eugenio está lá. [risos] Eu criei um internato opcional. Aí eu [...], mas é lindo isso. Nesse internato opcional ele dizia: “Gastar recursos!” Eu já dava aula regular e para outras disciplinas. Eu digo: “Por que não mexer? A vida me ensinou muito a ser qualitativo.” Então, eu digo qualidade para os meus alunos foi Mônica Angelim, hoje professora do meu departamento, Luis Eugenio, hoje um no quadro incrível da Saúde Pública brasileira; Ramon, que não veio para a Saúde Pública brasileira, mas veio [...] e é professor. Rapaz, quatro professores, estou acabando de citar, que ensina Bioquímica, e José Carlos Capinan, que terminou o curso médico porque ficou comigo nesse internato opcional. Eu fiz esse internato sendo hostilizado por alguns, não por todos. Aí de novo o Jair [Jairnilson Paim], uma das pessoas que esteve sempre do lado... Eu fiz esse internato indo para Itapetinga, indo para Jequié, e eu levei essas pessoas e ajudei a formar. Então Eugenio tem, é isso que eu quero mostrar, não é um BAVI [Bahia X Vitória], não, tem divergência e tudo, mas tem as pessoas. Então eu fui contra quando o colegiado quis excluir do colegiado o instituto. Eu digo: “Não, eles têm um conteúdo, é uma unidade.” Defendi, e foi aí [...] ah, aí eu consegui trazer Luis Eugenio, importantíssimo! Foi quando tivemos um momento de combinação, porque o curso tem sempre que falar mais que os conflitos. Aí, com Eugenio, a gente articulava os conteúdos. Eu tive que [...] olha o que eu fiz! Como eles davam um SUS mais operacional, porque o aluno já está mais avançado, e eles têm a possibilidade de falar de vigilância epidemiológica, vigilância sanitária, práticas concretas de intervenção, eu estava no 3º semestre, o aluno ainda dando as básicas, aí pedi à Vera, à professora Vera Formigli, e ela refez o texto dela colocando o SUS, os princípios, o elemento mais

conceitual, um texto belíssimo que Vera fez, e fez através de casos. Ela pega casos de dilema, de conflito, aí mostra o que é a universalidade, o que é a integralidade, o que é a igualdade, o que é a equidade construindo a igualdade, o que é a participação social, os grandes conceitos, que eu estava lá participando da produção, né, que eu estou lá na 8ª, hein! Então Vera [Formigli] fez esse texto belíssimo! E olhe que quando [...] nunca mais conseguimos esse tipo de diálogo. Nós tentamos [...] meu filho quando era da pós lá, porque ele estava doutorado, ele pedia: “André, medie.” Nunca dava certo. Aí eu cansei, né, e o professor Paulo Pedro: “Cansei também.” Então é essa a dificuldade que tem, mas, é isso aí, é essa a história.

TF – Vamos voltar um pouco lá para o departamento?

RJ – Claro, certo.

TF – Vocês, do departamento, criaram, ainda, antes do [...] no departamento, antes do instituto existir, mecanismos de construção de uma dinâmica institucional, a meu ver, com os planos-diretores [...] vocês foram construindo a avaliação.

RJ – Isso. Jair [Jairnilson Paim] tem um papel crucial nisso. Aí o grande planejador [...]

TF – Fala um pouquinho para a gente porque [vozes sobrepostas]

RJ – Ah, isso é uma herança, porque nós somos herdeiros. Daí de novo o que eu digo, a beleza de que a gente pode ter divergência, teve essa divergência, mas tem a construção de identidade, de continuidade e de modificações, de avanços. Porque eu fui chefe quatro vezes desse [...] eu nunca fui chefe lá, porque lá eu era bem novo. Se você pega, certo? Eu estava mestrando e tudo. Então o processo, quer dizer, quando se consolidou, quatro vezes. Você sabe que as pessoas também não gostam de assumir porque gostam de cultivar seu currículo lattes, embora nosso departamento seja muito solidário, né? É por isso que agora eu sou professor titular e não quero entrar em qualquer banca. Porque o cara fez tudo, foi lá para a administração, dirigiu [...] eu sou contra aprovar o título de, de titular para ele. Titular, para mim, provar que não é instituto de pesquisa, não é Fiocruz, aqui é universidade. Então tem que ter ensino, pesquisa, extensão. Pode não ter tudo, mas uma participação na administração. O professor que quer ficar no *filé mignon*, ensinando na pós, botar, inclusive, seus tirocinantes. Tive mais de vinte tirocinantes, nunca saí da sala de aula. Eu os treinei para serem professores. Eu botava para dar aula expositiva, fazia um comentário crítico, pedia para ele criticar as minhas aulas, porque a gente se aprimora com o outro. Botava para dirigir o grupo, depois botava [...] eu dirigia um grupo antes, sempre eu fazia. A minha aula expositiva, “observe e veja os problemas, depois você vai dar.” Então esse tirocínio, o cara bota, abandona na sala, isso é trabalho escravo. Já denunciei isso num congresso: trabalho escravo, canalha. A pessoa bota lá, está ganhando dinheiro ali, porque a carga-horária do professor, e ele não está nem lá dentro. Isso, para mim, é um escândalo, abomino isso. Então todos os meus tirocinantes. Por isso que eu tenho no *face* [facebook] até hoje, muitos deles, esse carinho, esse vínculo, formou para a vida, porque eles sabem que eu ajudei eles a se aprimorar, porque cada um se constrói a si mesmo. Mas você ter o próprio professor experiente ajuda muito a você também se tornar professor. Foi assim que eu aprendi, com meus grandes mestres: Heonir Rocha, Rodolfo Teixeira, Eliane Azevedo, José Romélio Aquino, Luiz Umberto [Ferraz]. Esses são meus, são meus mestres, entende? Então essa questão do departamento, quando [...] voltamos, nós não tivemos. Nós temos o SAP, Seminário de Avaliação e Perspectiva, até hoje. Então, ah e tem mais. Eu tenho o cuidado pela amizade, tenho muitos vínculos, construí isso na Pediatria. A Pediatria avançou, até a gestão do professor Heonir [Rocha], depois outras gestões que eu não

vou citar, mas estão relacionadas ao ISC, ela tirou o sistema de mérito e fez um sistema clientelista e nepotista, né? Vocês têm que discutir com eles, e eles se assumem ou não, quem teve por lá na Reitoria. Quando, gestões anteriores de Felipe [Serpa], Heonir [Rocha], tinham um sistema de critério. Por quê? Você vinha, cem vagas ou cinquenta vagas para professor-substituto, e você tinha duzentas pro departamento. Então você fazia o perfil do departamento, e aqueles [...] obviamente, com um princípio de equidade lindo. Fono se inaugura, fono pode disputar em condições de igualdade. Olha que coisa linda! Para mim, eu digo para os meus alunos como exemplo de equidade. Então vamos dar dois ou três professores para ir para o quadro permanente de Fono para que assim que ele estiver estruturado ele vir disputar pelo mérito. Ele não podia disputar pelo mérito. Ele não podia disputar pelo mérito porque ele tinha a maioria de professores substitutos de 20 horas, como é que ia produzir pesquisa, administrativa, etc. Então havia uma parte das vagas reservada para os princípios de equidade, carência [...] o que o nosso seria, mas nunca fez, cinco professores sustentando. Eu dava aulafeito um louco. Nunca nos deram, porque havia uma interdição, e o reitor era meu amigo, mas estava ligado ao grupo do ISC, e havia um veto. Mas mesmo por mérito. E esse Departamento de Medicina Preventiva, quando foi, era o melhor departamento da UFBA, porque a capacidade entre aquilo que ele produzia e aquilo que ele tinha, porque o ISC tem essas coisas todas, que é na produção científica que dá os [...], mas como departamento de universidade, o primeiro lugar no perfil era o nosso, várias vezes. E eu consegui mais do que isso, botar vários departamentos de Medicina entre os dez. Primeiro, foi o de Pediatria, e depois, com [?], que é meu amigo, ele aceitou a lógica comigo. Eu fui sequestrado [risos] O que eu disse ao sequestrador: “Essa pasta não. Você leva o meu carro, mas eu quero meus documentos!” É ali que está o perfil que deu o direito de eu conquistar Rita Fernandes. [risos] A minha professora que tenho eterna gratidão. Negociei com meus sequestradores aqueles papéis que eu não iria produzir mais nunca. Produzi aquilo, que tinha que ser minuciosamente produzido, o que se produz, o que se escreve, a aula que se dá, e é relacionado ao número de professores que você tem. A gente, com cinco, fazia miséria, tinha um grau de produtividade. Outros, claro, tinha uns muito mais produtivos, mas na relação entre o número de pessoas e o que era capaz de fazer nós éramos o primeiro lugar na pontuação. E isso permitiu à gente, no mérito, ir recompondo progressivamente, até chegarmos [...] hoje, nós temos um departamento robusto, no tamanho adequado, porque eu acho que já começa até a crescer. Se crescer demais, vai implodir, como aconteceu com

o ISC. Eu acho que ele tem que ficar no tamanho que está agora, porque sobre muito, de vinte, com alguns substitutos, técnicos. Então essa tradição que está lá, que [...] aí tem um papel do planejador, Jairnilson Paim. Sem dúvida, esse é um talento dele, que é herdeiro. Lembre-se que eu convivi intensamente, que eu estou na ABM como Jair [risos], eu estou [...] eu fui mestrandando de Jair [Jairnilson Paim], entende? E ele tem, e a visão na frente, de Luiz Umberto [Ferraz] ... Eu sou herdeiro disso, né, minha ação [...] e como eu fui quatro vezes chefe, mantive sempre a tradição disso no departamento. Nossa segunda-feira é um processo coletivo. O cara vem, você vem, você pode segunda de manhã. Se você não pode, você não recebe. Não entra em concurso, não entra substituto. O substituto nosso vive intensamente. Se ele é precarizado, é a instituição que faz isso. Para nós não. Se ele quer ser professor universitário, ele viveu uma experiência que enriquece ele, para depois ele reproduzir em outro lugar, como eu sei que tem vários reproduzindo, então nós somos um processo coletivo. Uma disciplina com oito professores tem que ter um padrão, cada um traz seu estilo, senão o aluno vai dizer: “Ah, fulano é isso, fulano...”, e aí a gente constrói. Isso são heranças desse processo do planejamento, entende? Então nós fomos construindo o SAP (Seminário de Avaliação e Perspectiva) o [...] nós botamos dois professores para fora, hein, e eu sou um sujeito ativo nesse processo. O cara entrou por concurso, todos os dois em Saúde do Trabalho, e deixava os alunos na sala. Nós [...] aí o Jair e essa turma toda tem um papel incrível. O professor José Maria de Magalhães citava ao nosso departamento publicamente, porque eles pediram demissão para não ser demitido, porque ele marcava aula e não ia, um desrespeito total ao alunato. Isso é raro na UFBA! Na universidade brasileira, ter a coragem de dizer “vem fazer bico aqui” – e os caras eram bons, hein! – “não vai ficar, nesse departamento, não fica. Nós somos um coletivo politizado...”, e até hoje somos. Isso é uma herança também, esse componente, desse aprendizado meu, não só meu, né, aí de Vera [Formigli] e de outras pessoas que ficaram. Ficamos cinco, né? O professor Fernando Carvalho tem um papel incrível na pesquisa! Não sei se você conhece o professor Léo [vozes sobrepostas] [...]

TF - Não [vozes sobrepostas]

RJ - Fernando Carvalho, é Léo. Para mim, olha, há pessoas inteligentes, brilhantes. Léo é um gênio, pensa num gênio, vou mostrar a você. As pesquisas de Léo [...] parecia folclore. Léo constrói uma pesquisa fantástica de onde ‘nego’ falava em mico-dourado, ele estava falando de Saúde Ocupacional. O que hoje virou tão banal, na época ele era um inovador no Brasil nisso. Ele veio da Inglaterra para esse campo. Ele ajudou a fechar a fábrica da COBRAC, em Santo Amaro, que intoxicou, envenenou Santo Amaro de chumbo, não sei se você sabe disso. E ele se articulou ao movimento social de Santo Amaro. É linda a ação dele! Já é [...] aqui, nós cinco, cinco pessoas dando aula, e Léo ainda viajava para Santo Amaro todo mês para trabalhar com a associação que tinha lána defesa dos interesses dos trabalhadores, um problema que era autogênico. Construiu, articulou com gente, com Tânia Tavares de Química. Ele é um gênio, vou mostrar. Vai treinar um método epidemiológico. Veja o que é, a gente pensou onde é que está a genialidade. Está às vezes, assim tão perto da gente. Ai, eu digo: “Bom, então vamos treinar.” “O que é importante em Saúde Pública?”, dizia aos alunos dele de Epidemiologia. “A rede de frio. Vamos ver como é que está essa rede de frio.” Mais de 50% estava inadequada, a coisa mais importante da Saúde Pública, na época, estava inadequada, condicionando as vacinas. É mole? Então os meninos treinaram o método, ele fez um artigo, publicou na Revista de Saúde Pública – Ditadura, hein! – quase que a cabeça de Lícia Cavalcanti, que era o segundo braço, era o lado técnico da secretaria, caí, viu, quando publicou na própria revista [risos] uma coisa que escandalizava. Há uma tradição baiana na saúde [...] na [...] se você for obsessivo com a rede de frio. Sabe porquê? Por causa de uma pesquisa de um professor com um aluno de graduação. É gênio, digo, Léo [...] nós ficamos, é o que deu [...] ele tem um perfil mais de pesquisa.

TF – Era Léo, era você [vozes sobrepostas]

RJ – É, Léo. Vamos botar assim, o nosso graduado, o nosso titular primeiro. Eu sou o titular segundo. Ele aposentou, Léo, Vera [Formigli], com esse gênio administrativo, porque o que Jairnilson [Paim] fazia era em articulação com Vera [Formigli]. Só que Jair é articulado, é loquaz, e Vera [Formigli] é uma pessoa mais tímida mas [...], mas é genial. É uma planejadora, para mim. E o departamento não sobreviveria, o que é bacana é que a gente construiu com algumas pessoas, e cada uma com suas características. Você já viu

que a minha foi o ser político. Eu tinha uma capacidade dentro da faculdade de mexer aqui, eu mexi, enfrentava e tinha uma defesa dentro da faculdade, que tem componentes extremamente conservadores que me respeitava, entende? Então o meu papel [...] o professor Aníbal Silvano é professor na Graduação, amado como pai, incrivelmente querido, uma pessoa assim, rígida nas coisas, mas politizado. E a professora Sumaia [Boaventura], que tem um perfil mais administrativo, tanto é que ela coordena o colegiado hoje. Você vê que a gente tem um protagonismo para a faculdade, não é só para nós. Lorene [Pinto] [...] a de Lorene [Pinto] com o instituto. O instituto cometeu um erro mortal com Lorene [Pinto]. [vozes sobrepostas]

TF - O que que é? Fala [...]

RJ - Lorene [Pinto] [risos] olha, nós fizemos o concurso ainda junto, disputou algumas coisas. O professor Paulo Pena, que eles perderam também, porque houve veto por questões políticas. Quem era do PT, na época, o PT era [...] agora está voltando a ser categoria de acusação, estamos de novo virando judeu, estamos perseguidos pelo mundo. O professor, eu, naquele processo que tinha, porque tudo era mais Partidão, até PC do B de Lígia [Vieira] era mais aceito. Mas o professor Pena, o Pena foi para a França, fez o doutorado dele, aí não quis mais ir, mas ele passou no concurso lá na ordem, aí ficaram duas vagas. Aí as vagas foram para a Vilma [Santana], sob mérito, não estou negando, Estela, não sei se era Estela ou Pedro Prata. Não foi Estela, Estela foi depois, Pedro Prata. [?] compuseram a lista, e aí Lorene era a 5ª aprovada, todos aprovados, e Antônio Cardoso, o 5º [...] 4º, 6º, tem o Pena [...] Era nessa ordem aí. Aí, a Lorene quando quis fazer, diz: “Não faça, não! Você não tem, só tem mestrado. Tem um bocado de doutorado.”, como se dissesse: “As cartas estão marcadas”. Teve esse discurso todo. Mas Lorene: “Eu vou fazer.” Aí fez. Quando chega esse processo, que se chama, chama os dois, aí ficou essa lista. Quando separa, aí veio o momento: Pena desistiu, disse que não, preferiu o doutorado dele na França e saiu. Disse: “Ele vai vir e vai passar por média 10 aqui no nosso. Vai escolher o nosso.” Brilhante, fantástico. Paramim é um dos maiores médicos do trabalho, senão o maior do Brasil. Com todo o respeito ao... Ele adora lá o Minayo, o Carlos lá, mas eu acho que o professor Paulo Pena, não é porque é baiano, não. Eu conheço o trabalho do professor Paulo Pena. Não sei se vocês reconhecem, é fascinante o trabalho, hoje, que ele faz com as marisqueiras, é nacional, hein, então [...] genial. E veio aqui

fortalecer depois para uma segunda geração. E nesse processo estava Lorene e [?]. Eu digo: “Pôxa, nosso departamento com cinco [...] Carmen [Teixeira], coordenadora do Departamento, né? Na transição era ela, ela deveria assumir o ISC, mas como uma pessoa negociadora, até sensível, mas quando chegava lá, a turma [?], articulando com o Felipe [Serpa], reitor, e aí eles quiseram ficar com as duas vagas. E aí, falar mais de três pessoas, alguém ligou para mim e disse: “Jacó, você vai perder a vaga, as duas vão ficar para o ISC.” [risos] Aí eu me municiei e fui. Nesse processo há um certo desgaste com Felipe [Serpa]. Felipe [Serpa] vem e me chama para ser pró-reitor de extensão. Eu digo: “Ó, mestre, você...” “Não, era um casamento, e eu vi que eu estava errado, que eu só olhava um dos lados do casal.” Eu digo: “Pois é, e o lado que você não olhou somos nós. Eu tenho um carinho imenso por você...” “Armindo Bião, meu colega de infância, que eu tenho, tinha indicado para eu ser o pró-reitor de extensão dele. Armindo estava saindo, até por questão de saúde [...] não ia fazer uma pós-graduação. Eu falei: “Eu vou aceitar o convite gentilmente porque eu gosto muito de você, mas vou declinar, pelo papel que você teve.” “Mas nós estamos trazendo, rediscutindo agora...” Tanto é que ele aí, não fui [risos], e eu sou assim, e ele botou uma vaga para o ISC e uma vaga para cá. Aí eu virei para a Vera [Formigli], isso que é bom, é dizer assim, antes de acontecer, eu descendo com ela, quando eu descendi eu disse: “Vera, se eu conheço a ‘tchurma’, eles vão abrir um concurso, exigir doutorado e alijar a Lorene [Pinto]. E nós vamos perder porque [vozes sobrepostas]

TF – Além de ir para lá [...]

RJ – Lorene [Pinto], era fazendo mestrado, não tinha doutorado na época. E gente, naquele momento era uma questão justa. Eles levavam Lorene [Pinto], que tinha um perfil de Saúde Pública, que era a maior sanitarista baiana naquele momento, mais qualificada, com inserção na Secretaria, e nós pegávamos Antoninho [Antônio José Cardoso], que hoje está em Brasília, na UNB. A gente fecharia esse concurso, acabou o concurso, nos próximos [...] mas não. Pensa que ele [...] quando eles perderam a ideia de levar os dois, que ele abriu o concurso, abriu o concurso exigindo doutorado, e alijou Lorene [Pinto]. Aí você vai conhecer um pouco aqui gravado quem é Ronaldo Jacobina. Aí ‘nego’ veio para cá, para dentro do que era justo. “Não, ela escolheu o ISC. Não tem... Vamos abrir concurso também. Quer dizer, se não pode pegar Antônio [Antônio José Cardoso], vamos abrir concurso...” Aí eu digo, que eles cometeram um erro mortal: Nós vamos... Infelizmente,

Antônio [Antônio José Cardoso] vai ser alijado, mas não somos nós que estamos alijando, porque nós ficaríamos com Antoninho [Antônio José Cardoso], com Antônio José, numa boa. Mas nós vamos... Por direito Lorene [Pinto] é 5º e Toninho [Antônio José Cardoso] é o 6º. Lorene optou por vir para cá, eles fecharam a porta para ela. Eles estão perdendo um grande nome na Saúde Pública, e nós vamos ganhar esse nome. Sabe quem é esse nome? A primeira empossada, porque não é eleita, Eliane [Azevedo] foi a 1ª eleita na Faculdade de Medicina, mas a primeira eleita e empossada, e a primeira diretora da Faculdade de Medicina é Lorene Pinto, né? Eles perderem [risos] e é outra pessoa que deu uma contribuição muito importante pela sua qualidade, entendeu? Então esse processo foi outro processo muito perverso. E aí, está aqui, eu digo: “Não vamos vetar, não temos que vetar ninguém.” Ela veio e foi acolhida, tão acolhida que se tornou diretora da Faculdade de Medicina. [risos] Eu ia ser candidato, abri mão, digo: “Para uma mulher, aquele seria o meu momento, não será mais...” Aí entendi sem nenhum sacrifício. Eu teria uma margem, eu iria fazer um estrago na campanha porque eu também sou funcionário, teria uma grande votação dos funcionários, dividiria estudante, mexeria com professores, Lorene [Pinto] formou na baiana. Era só puxar isso um pouquinho, por baixo, mas não, não sou candidato, a candidata é Lorene [Pinto]. E Lorene [Pinto] foi e ganhou.

JN – Professor [...]

RJ – Diga.

JN - No processo de criação do mestrado em Saúde Comunitária, nós vimos que houve uma forte influência, na verdade, de financiamento da Rockefeller e da Kellogg, inclusive, o senhor comentou num determinado momento, “o mestrado da Roche [Rockefeller] e o nosso mestrado.” Como é que foi esse processo de estabelecimento do financiamento da Kellogg e da Rockefeller?

RJ – Foi [vozes sobrepostas], exatamente, porque ela foi importante naquele momento, dentro da Ditadura, sobre as regras, mas nasceu alguns quadros. Eu tive professoras minhas que vieram desse momento. Mas aí havia um processo político que refletia a redemocratização, redemocratizar a sociedade brasileira, a discussão da esquerda, a discussão do Partidão [...] passava por lá, eu não estava lá, sentado. Mas eu não sou bobo, sempre antenado para as coisas. Então, nesse momento de discussão [...] aítivemos que

buscar os nossos. Você disse muito bem, fomos perdendo financiamento internacional, se reconstruíu alguns, tinha organizações que [...] a Kellogg depois fez algumas, entendeu? As pessoas tinham mérito pessoal porque tiveram pós-graduação lá. Isso não foi perdido de todo, né, mas, obviamente, nós tivemos que buscar os financiamentos dentro das nossas instâncias, portanto vivemos com uma certa dificuldade.

TF – Mas a Rockefeller não tinha um contrato por período?

RJ – É, pois é, ela não renovou, quer dizer, ela parou e acabou, né, e ela perdeu porque ela tinha o controle. O coordenador era um gringo, porque nesse período eu não sou a melhor pessoa, porque eu chego na [vozes sobrepostas]

TF – Você chega depois [...]

RJ – Eu já sou convocado, eu passo no mestrado já selecionado por Jair [Jairnilson Paim] e por Luiz Umberto [Ferraz], a Comissão era essa [risos] por Vera Formigli, essa era a Comissão.

TF – Era antes dele?

RJ – É, o meu orientador de dissertação era o professor Luiz Umberto [Ferraz], só que ele se candidatou para deputado, saiu, aí o professor Naomar [Almeida Filho] assumiu. Então foi esse o processo, entendeu? E não sei, não posso responder tão adequadamente, mas tenho certeza que Jair [Jairnilson Paim], o próprio Luiz Umberto [Ferraz] vai trazer muita contribuição nisso. Ele está aí, nesse momento. Ele era da Neuropsiquiatria, mas ele fez pós-graduação na Inglaterra, e ele foi professor! Ele foi aluno [?] e professor.

JN – E a questão, por exemplo, da Reforma Sanitária, como é que isso influenciou no departamento da universidade, dentro da saúde, dentro da formação médica?

RJ – Você vê que, repare que não se separa. Você vê o quadro de Jair [Jairnilson Paim]. Jair [Jairnilson Paim] é um formulador histórico nacional dessa coisa. As articulações com [Sergio] Arouca [...] Arouca era [...] uma vez eu discuti, [?] menino ousado, novo, sabe.

Ele dizia: “Rapaz, você está sabendo mais o dilema do que eu.” Eu tinha um domínio, realmente, eu mostrava a ele coisa que não lembrava mais do dilema preventivista, nas viagens de barco. Então tinha essa identidade política. Então conhecia Ana Tambellini, toda essa turma, essas pessoas todas aqui, e com um elemento que era ligado ao Partidão, Umbertinho [Luiz Umberto Ferraz] tinha ligação, eu sabia disso, nos passeios de barco, nas coisas. Tinha uma construção social. E a construção política era essa identidade, o Partidão, sem dúvida, tem um papel nisso, né? Mas nós, que estávamos gestando, vinculados ao PT, eu, Pena, tal, tínhamos uma autonomia nisso, por isso mesmo era estigmatizado de uma certa [...] você viu o veto, narrei para vocês, eles não vão assumir, mas vetos que fizeram pela nossa posição política independente, né, de não estar ligado [...] mas Luiz Umberto [Ferraz] nunca teve isso, sabia, nunca teve, nunca me discriminou, foi a pessoa mais ligada a mim, Jair [Jairnilson Paim] também, nunca. Eu sabia da simpatia dele, porque ele tinha uma paixão gramsciana, então nós tínhamos um ponto de encontro que não permitia essas interdições, esses vetos, né? Então esse é um componente complicado na hora de construir essa passagem, entende? Mas ela aconteceu. E aí nós tínhamos a militância no movimento social, academia, está entendendo? Então a Reforma Sanitária foi uma coisa que nasceu e aí, para nós, é orgânico porque no mesmo momento que a gente formula, Ubaldo era amicíssimo, ligado a até a mim, se tornou depois, mas muito a Jairnilson. É o cara que, aquele primeiro simpósio, famoso, que está no CEBES, que começa a discutir o SUS, é com o Ubaldo. [?] Pinto, que foi prefeito de [?], amicíssimo de Luiz Umberto [Ferraz], amigo pessoal de Luiz Umberto [Ferraz]. Então o pessoal tem um papel nacional [...] é que nunca botaram a Bahia! Eu sempre digo que o papel da Associação Psiquiátrica de Humbertinho [Luiz Umberto Ferraz] na discussão crítica da Saúde Pública como um todo... Humbertinho [Luiz Umberto Ferraz] trouxe Marilena Chauí. [?] conhecia essas pessoas todas, trazida por Luiz Umberto [Ferraz], rapaz, além de Guilherme, que era amigo pessoal dele, baiano, [risos] mulato como ele. Então esse conjunto todo, esse processo, foi extremamente rico, por isso que nós fomos para um movimento social, porque Jairnilson [Paim] não tinha que ter identidade, no sentido estrito, com o movimento médico. Jairnilson [Paim] foi para a parte de política científico-cultural, e vão organizar o grande Congresso Médico Social com a gente – a gente, a estrutura – e aí as categorias todas. Quando chega e cria o SUS, quem é que cria a Plenária de Saúde, para ser coerente? Sou eu que formulo, como presidente da ABM. Eu digo: “Poxa, [?].” Lembra o meu protagonismo, lutando lá pelos conselhos, lembrando os alemães? Eu digo:

“Pena, quando eu convoquei a primeira vez vieram duas.” Eu digo: “Pô, não cabe dizer ‘médico, nós somos médicos, é o poderoso que vai ser...’ Não, nós vamos escolher coletivamente quais são as duas categorias, e vamos nos revezar quem vai representar no Conselho Estadual os profissionais que [?]...” E foi assim. Onde, não sei se existe, mas viveu uma plenitude assim, de mais de quarenta, sessenta entidades. Por isso que oscaras de odontologia são todos meus amigos, os caras cobram mais barato quando vão fazer. “Eu lembro de você.” [risos] Eu tenho ganho esses [?] pessoais por essa luta. Então esse [...] está entendendo os diferentes lugares da [...] que foi se passando? Isso que permitiu a gente construir essa articulação, entre o movimento social e a academia. E aí, eu dizia à Vera [Formigli] de novo, para fechar: “Isso vai ser uma (?)” Nós éramos cinco, né? Quando vieram as OS, eu digo: “Vera, nós vamos lutar, nós vamos...” Um dos princípios do departamento, o DMP de Princípios, foi aprovado junto, e nós agora atualizamos ele todo, e aprovamos o novo departamento, atualizando os princípios. A maioria permaneceu, mas incluímos novos. A História nos mostra isso, princípio trans- histórico e novos [...] a lei da nova conjuntura, né, e um deles é o compromisso pelo SUS, né? Acabei de autorizar Washington [Luiz Abreu] a ir e ser dirigente em Brasília, Washington [Luiz Abreu], não sei se você conhece, orientando, tem até ligações com o ISC, ele é orientando de Carmen [Teixeira]. Washington [Luiz Abreu] é do nosso departamento, ele é um planejador, para ele ser um dirigente de Brasília. E eu disse: “Essa é a nossa grande tradição, sempre fortalecemos as indicações do Instituto, então do SUS.” Então, se eles estão indo lá, não há porque [...] Washington [Luiz Abreu] foi para lá. Ele acaba de ser liberado, num momento em que a gente está em dificuldade, mas isso é um princípio nosso, está dentro da DMP de princípio. Na discussão de OS, eu ainda brinquei com Vera [Formigli], estava lá eu, Vera [Formigli], e acho que Lorene [Pinto], três. Do ISC só tinha Carmen [Teixeira] e Jairnilson [Paim]. Eu digo: “Não por acaso são eles dois.” [risos] Eles, com mais de quarenta, só tinha dois; nós com cinco, tínhamos três. Esse [...] essa presença simbólica, você não entende, é para mim [...] E eu antecipando, vamos ver quem é que vem, quem é que está nessa luta, quem é que não está cuidando só do seu currículo, da sua carreira internacional, quem é que tem um compromisso com o SUS naquele momento? [Paulo] Maluf, as organizações sociais, safadíssima, buscando uma mediação do privado dentro do público, toda aquela questão. Foi por acaso que estavam a professora Carmen [Teixeira] e o professor Jairnilson [Paim]? Podiam estar outras pessoas, sem dúvida. Talvez estivessem doentes, tal, mas é simbólico, né, de cinco ter três, e de quarenta só ter dois.

Entendeu agora as diferenças?

JN – Mas [vozes sobrepostas], professor ...

RJ – É nisso aí. Nós estamos na luta, sempre, nesse momento delicadíssimo [...]

JN - Mas como foi que o médico viu essa quebra do paradigma médico, e viu a reforma uma coisa mais ampla? [vozes sobrepostas]

RJ – Ah difícil, você sabe que é conservador. Ele mostrou um exemplo, aí você tem que ter coragem, isso [...] vou lhe dar exemplo de coragem, a [...] ele vai a retrocesso brutal [...] eu sustento isso com ele, quando vai ficando mais velho fica um pau [?] [risos] Eles me respeitam, há um carinho, né? Mas nós temos [...] e Jair [Jairnilson Paim] se afastou um pouco do movimento médico, não é próximo [...] o próprio Luiz Umberto [Ferraz] se afastou. Eu me mantenho ainda, lancei meu livro no sindicato que é mais à esquerda, então tenho um carinho muito grande e aconchego ao pessoal do PC do B. Eles ainda mantêm um certo nível de coragem, mas ficam receosos porque sabem que a maioria pode dar um pau neles. É um negócio muito conservador, entende? Agora temo que unifica, que é uma carreira que eu concordo porque sem dúvida, eu trago... eu tenho um papel de trazer identidade de pessoas, e esses meninos, essas meninas vão [...] não têm carreira, são submetidos a um poder da prefeitura, vão se desencantar. Mas hoje eu faço estágio, nós fazemos assim, são os meus egressos, maravilhosos alunos que pesquisam comigo, que [...] então tem um papel, de novo a graduação, fantástico. O Diego[...] a Lua Morena foi vítima de racismo institucional da administração do ACM Neto, uma negra dentro do [?]. Já pensou, para aquela comunidade negra, quer dizer, ter opção a coisa do mundo da droga, a falta de opção, e tem uma médica ali, negra, rastafári, trabalhando, andando pelo bairro. Coisa linda! Ela acabou não aguentando, mas teve um racismo institucional de agredi-la. E eu estava lá, na hora que foi. Foi dentro da Prefeitura lá. A secretária defendeu no momento. Aliás, aprendi uma coisa linda, que dizer: “Mexeu em um, mexe em todos.” Por isso que agora, mexer num professor, essa coisa [...] do Marcos Vinícius. Eu fui lá na posse do DA de Psicologia. Botaram o nome Marcos Vinícius. Fui lá, recitei o poema dele, meu amigo Marcos, meu aluno querido. Quero apurar, tem que apurar, tem que chegar aos culpados, porque mexer com um, mexer com um professor, tem que mexer com todos,

professor público sobretudo. Quando mexeram com o Nilton Negro num serviu lá no Juazeiro. Ele de moto, o policial veio e algemou ele, só por ser negro, suspeito, perto da casa dele. Não sei se você viu. Nilton Araújo. Então, essas coisas não podem passar em branco. Meu departamento é um departamento de princípio. Só diz: “Mas o que é que vai...?” O pesoé pequenininho, mas é simbólico. Eu sou dirigente, sei o que é isso. A gente solta essa nota e se solidariza contra a violência ao professor Nilton. Todos os professores, todos os departamentos, todas as universidades deviam estar fazendo isso, e criar uma reverberar exigindo isso. Uma violência! Só porque o cara é negro, perto de casa, numa moto, ele virou suspeito. E ele argumentando, rapaz, ele foi algemado! É terrível a forma. Então essa é a maneira de você estar, entende, as possibilidades de você construir. Então nós temos nessa luta. A gente tem o internato a atenção primária, entendeu, então a gente está com um pé lá dentro. Difícil, né? Então, há categorias, sem dúvida, você tocou num ponto delicadíssimo, difícil, complexo, por isso [...] imagine eu, [risos], que nunca tive consultório, fui presidente dos médicos. Agora, tem que ter a coragem. Vou lhe dar um exemplo. Eu disse a você que Luiz Umberto [Ferraz] queria que eu fosse chefe do gabinete. Com essa coisa loquaz e tudo, ele queria um cara que fosse um anteparo ali. Eu declinei. Por quê? Ensino ético não é por acaso, a pedido dos alunos. Eu conduzi o processo [risos] eu digo, eu que li o documento para Waldir, tirando de Waldir o mérito pessoal dele, e eu sabendo que ele já tinha escolhido o Luís Leal que era meu médico! Eu, olha que coisa, né, simples, dentro da casa, era anti [...] era na casa, na Pituba lá, organizando o governo, entende? Aí, Gerson do meu lado com a [...] ele tinha uma admiração a Gerson e o do Vale, que era o presidente do sindicato e eu, presidente da ABM. Aí eu chego com um abaixo-assinado das entidades todas, indicando Luiz Umberto [Ferraz]. [?] Waldir vira para o lado. Foi assim, nós do movimento social, que indicamos Luiz Umberto [Ferraz] secretário de Waldir, e ele ficou com Waldir até o fim, saiu com Waldir, não ficou para Nilo Cunha. Então declinei e fui para o movimento social, e foi importantíssimo. Talvez, um dia [...] ele nem sabe disso, Umbertinho [Luiz Umberto Ferraz] talvez nem tenha a clareza disso: vai uma greve com Roberto Santos. Sabe o que acontece? Os carlistas, que nunca tinham aparecido, a gente conhece pela cara, qual era a proposta deles? Fechar o pronto-socorro. Não sei se você conhece, existe uma figura linda, chama-se objeção de consciência. Ele não sabia que tem um professor apaixonado por Ética, pedi a palavra. “Aprovamos, um processo democrático, decisões. Estou vendo que vocês estão, democraticamente, tomando uma posição. Mas existe uma figura, que é a da objeção de

consciência. Se aprovar essa proposta, essa proposta vai matar pessoas, e eu, Ronaldo Jacobina, não estarei no movimento que mata as pessoas para lutar por seus direitos, portanto eu não vou esperar amanhã, não. Eu saio daqui dessa assembleia se isso for mantido, e assino a minha demissão de presidente da Associação Baiana de Medicina. Eu não serei mais presidente amanhã, a ABM ficará sem presidente, portanto ela não estará dentro dessa luta amanhã, ao conduzir essa proposta.” Aí os diretores presentes, ovaram e levantaram: “Jacó, estamos com você. Nos demitiremos todos.” Foi lindo, rapaz. Se levantaram e disseram firmemente [...] minha diretoria [?], politizada. Aí disse: “Portanto vocês agora estão sabendo, se isso aprovar, a ABM vai ter que constituir uma coisa [...] Ela vai ficar fora porque ela vai ficar acéfala até uma nova eleição porque não terá um dirigente para conduzir.” Aí eles aplaudiram. Aí disse a figura, eu digo: “Eu significo isso, que é um desagravo, e uma mudança de posição...” Porque não é fácil mudar a posição de mais de quinhentas, seiscentas pessoas, os médicos [...] a sua pergunta. As pessoas: “Sim!” Aí eles saíram escorraçados. Então você, às vezes, tem que ter, não pense que eu estava blefando ali, não, eu iria sair, escrever, não seria mais presidente, saía da ABM para conduzir um processo. Eu já [...]o Ernesto Simões, já teve uma luta que nós paramos, era uma farsa. Dizia que era emergência e não era, e mesmo assim conduziam. Eu, que nunca entrei na Emergência na minha vida, fiquei na porta conduzindo as pessoas, direcionando, sabíamos que tinha serviço que pudesse ser alternativo, e dizendo: “Isso aqui não funciona, tá”. E os que estavam lá, todos foram progressivamente assistidos, os médicos ficaram, até que fechou. É um processo completamente diferente, fechou. Não é fechar o único que tinha para deixar as pessoas morrerem. Então é uma categoria, tanto é que você tocou num ponto que não tem fim, a gente passa aqui um dia. Duas vezes foram em minha casa para me convidar para ser presidente da APUB [Associação dos Professores Universitários da Bahia]. [risos] Aí o cara chegou e disse: “Mas Jacó, você vai ser presidente da Associação dos Professores Universitários? Mas Jacó, você foi presidente dos Médicos!” Eles não dizem da ABM, dizem dos Médicos, né? Eu digo: “É, Médico não é coisa fácil. Agora, os professores universitários é a vaidade da vaidade da vaidade da vaidade da vaidade. Eu prefiro os médicos, com toda a dificuldade. Eu não quero ser presidente de uma entidade de professores universitários.” Duas vezes eu declinei. Me omiti do movimento docente? Não. Eu era representante aqui, na minha unidade, sempre escolhido pelas bases, pela base, ela me escolhia e eu participava. Então foi uma lição de vida. Eu nunca... Então o mais difícil... Eu senti na sua fala, inteligentemente, a dificuldade do médico. Mais difícil

é professor universitário.

TF – Está junto.

[risos]

RJ – É.

[risos]

TF - Na sua carreira, lá mais perto, agora, você foi trabalhar como colaborador de Feira de Santana. Como é que foi essa [vozes sobrepostas]

RJ – Você sabe disso?

TF – Está escrito no lattes!

RJ – É, porque lattes, eu não ligo para essas coisas, meu Deus do céu. Olha, lindo de novo compromisso, tá? Eu tenho uma paixão por Feira, e acho que isso é um papel de todo docente. Eu tinha o doutorado e eles não tinham quase ninguém. A superintendente acadêmica me [?]: “Sai dessa desgraça, não lhe dá nada!” A superintendente! Porque não é fácil você viajar de ônibus, pelo menos tinha um ônibus. Às vezes eles botavam um carro na minha porta. Eu ia, dava aula e voltava. Eu voltava quebrado, não fazia mais não, no outro dia estava todo [...] era um desconforto! Agora, por que eu fazia isso? Aí eu me animava: construindo a pós-graduação da Saúde Pública, que se chama Saúde Coletiva lá. Então naquele momento [vozes sobrepostas]

TF – Lá se chama Saúde Coletiva?

RJ – É, foi [...] eles chamam de Saúde Coletiva. Eu ajudei a construir a pós-graduação, e naquele momento tem um doutor para [...] eu ensinava de Saúde e Sociedade, mesmo que eu tinha tido a experiência quando eram junto no ISC, que era do departamento conjunto. Eu ensinava Saúde e Sociedade, o que é Política de Saúde, é umas disciplinas, mas voltadas assim. Eu fui herdeiro de Jair [Jairnilson Paim]. Quando ele foi para a Secretaria ele me passou. Eu já tinha Saúde e Sociedade, que é essa coisa mais antropológica, mais sociológica, e ele, a de Política de Saúde também, a História das políticas, e ele me passou também quando ele foi, entende? Ele e Carmen [Teixeira]. Carmen [Teixeira] ficou comigo

um pouco mais, na Secretaria ela dava um suporte, mas não ocupou o cargo. Mas ele foi, Luiz Umberto [Ferraz] foi, muitos foram, né, Maurício [Barreto] foi, foi muita gente.

TF – Como colaboradores?

RJ – Não, para a Secretaria, na época de Luiz Umberto [Ferraz]. Eles foram, esvaziou. Era um departamento único. Ficamos pouquíssimos. Comemos o pão que o diabo amassou para segurar. Eu tinha três, quatro disciplinas. Então na sua pergunta, de Feira foi isso. Aí uma ex-aluna minha, maravilhosa, Teresa, doutorou, aí assumiu a disciplina a qual eu dava suporte, aí se tornando indispensável. Então eu tenho um vínculo com elenas bancas. Até hoje, se você pega meu currículo, você vê várias bancas da pós-graduação. É uma forma do vínculo afetivo que ficou, entende? Então isso, veja que não tinha um tostão! Era só pagar transporte para me pegar e me levar, não ganhava. Às vezes, eles criaram um pró-labore, acho que chegaram a depositar, nem via isso. Nunca olhei se tinha valor ou não, mas nunca recebi nada que fosse significativo, não. Não havia recurso, não. Havia o compromisso dessa disciplina estruturando a pós, até que eles se autonomizaram. Eles começaram a formar doutores, aí não precisavam mais, né? Mas tenho egressos que são alunos queridos, o Carlito Nascimento, hoje titular, aí exigiu ser o titular. A Eliane, que conduziu a minha comissão [...] foi Eliane Azevedo que conduziu, porque ela não quis. Ela não tem vínculo, não tem nenhum trabalho comigo, mas ela diz: “Eu sou sua mãe.” E eu realmente chamo ela de “minha mãe intelectual”. “Então não vou me sentir confortável, vou compor minha banca para você.” Aí botou o professor Edivaldo Boaventura, botou o Roberto Marback, que é um oftalmologista, porque para a promoção veio carreira acadêmica, não precisa ser uma pessoa ligada diretamente. E ela compôs, uma enfermeira lá, Maria Ângela. Aí Carlito exigiu, [risos], chegou: “Agora eu sou titular. Eu quero ir na banca do meu mestre.” Aí foi, e foi ótimo, porque ele joga, trabalhou como o diabo. Então tem o Carlito lá. São pessoas. [...] isso é bacana, né, quando você vê pessoas com que você conviveu, e elas estão, né, como... [Jorge] Solla! [vozes sobrepostas]

TF – Participaram.

RJ – Tem uma história, deixe eu contar que vocês vão rir.

TF – Como é o nome?

RJ – Jorge Solla, conhece?

JN – Jorge Solla foi o secretário de saúde.

RJ – Secretário de saúde. [vozes sobrepostas] Nessas idas, eu coordenava a Residência, o estágio rural, fizemos em vários lugares. Então eu ia em Vitória da Conquista, estava coordenando, tinha um médico lá, armênio, foi aluno aqui meu. Aí ele querendo ser o prefeito. [José] Pedral era um nome assim, famoso, né, uma referência em Vitória da Conquista, justiça. Depois ele virou [?], mas ele resistiu na Ditadura, foi um homem muito digno no MDB. E ele querendo ser. Ele disse: “Jacó, vamos... uma coisa criativa, um programa”, e tal. Eu, na minha leitura, com mestrado em Saúde Comunitária, tinha propostas em Saúde Comunitária, ainda tinha esse nome ideológico, mas a experiência africana é linda. Como os médicos europeus abandonaram, os agentes, não sei se você conhece essa história, tinham um papel protagonista, porque eram eles, eram os médicos de pés descalços dos chineses nos países africanos, onde depois foram formando médicos nativos, foram construindo, indo para a Europa, para o Brasil, Cabo Verde veio aqui, tivemos médicos aqui na Bahia, né? Então naquele momento funcionou um programa inspirado nisso. Eu disse: “Rapaz, tenho uma ideia, me lembrei da experiência africana. Vamos construir ARES. Eu que inventei o nome, ARES (Agentes Rurais de Saúde),” Antes de Agentes Comunitários de Saúde, você está ouvindo? Agentes Rurais de Saúde. Eu criei a sigla, Agentes Rurais de Saúde. Fomos para lá como proposta. Nessa ideia da proposta, Guilherme era um médico desencantado, Guilherme Meneses. Quando viu a proposta, Guilherme aderiu. Quem eram meus residentes? Jorge Solla, Maria Guadalupe Medina e Rosana Aquino. Eram esses [risos] olha, eu levei a peste para Conquista. Guilherme [Meneses] derrotou os oligárquicos, se tornou prefeito, e é prefeito hoje de novo, acho que já pela terceira ou quarta vez, derrotou. Quem foi o secretário de Guilherme [Meneses], que fez, construiu uma das experiências mais lindas de SUS na Bahia? Jorge Solla, o meu residente. Jorge Solla, Rosana Aquino e Maria Guadalupe Medina ajudou a minha pena na ABM, sem cargo. Isso é paixão docente, isso é coisa, um vínculo lindo. Jorge, eu tenho um carinho imenso por esses três nomes. Não sei quanto vocês conhecem, a Guadalupe não conhece? A Guadalupe é fantástica, tem um vínculo, digo na história. Rosana Aquino tem um vínculo, é técnica do ISC [...] textos sobre território, que nós usamos para os alunos

aqui. Esses três jovens, jovens maravilhosos. Então, Solla tem uma experiência, e essa experiência é uma experiência inovadora no país! Eu acho que tem que botar isso na história dos agentes comunitários de Saúde, que é o ARES, em Vitória da Conquista, [risos] que fez Guilherme se tornar prefeito. Então fica aí esse registro de uma bela experiência de agente comunitário.

JN – Professor, o senhor falou também da diferença entre SUDS e SUS.

RJ - Ah, lembra?

JN - Que diferença exatamente é essa? Porque a gente já viu em alguns documentos SUDS, depois veio SUS

RJ – Ah, perfeito, porque a transição entre a aprovação da lei e a operacionalização. Então, para a gente [...] porque, não sei se você sabia, a saúde é muito pior. Eu pensava que a educação era pior, mas a saúde era muito pior, a multiplicidade de instituições. É impressionante a quantidade, quer dizer, então não é, a gente sabe que unificado não é, o SUS não é o único, não é um sistema único, né? Você tem o setor... a assistência supletiva, não é verdade? Você tem e, ela faz a parte [vozes sobrepostas]

TF – O SUDS é unificado e o SUS é único?

RJ – É, isso. Mas essa ideia foi fundamental. Então antes, no processo de construção, foi que nasceu o SUDS. Ele na transição, já começando a experimentar, como as próprias AIS. As Ações Integradas de Saúde já foi uma experiência. Eu lembro que eu fui da Secretaria. Eu não contei isso para vocês. Eu passei por concurso, fui médico da Secretaria e fui para o nível central, né? Aí fui para uma das reuniões lá em Feira. O [...] como é o nome [...] o governador, João Henrique, é filho de João.

JN – João Durval.

RJ - O João Durval, quando ele viu o escandaloso, que não tinha nada, ele começou por Feira, a terra dele. Um escândalo. Aí botou... Eu participei dessa reunião. Menino, quando

sentou, aí sentou [...] na época tinha aquela [...] não era a SUCAM, ou uma fundação, mas SUCAM [...]

TF – SUCAM [vozes sobrepostos]

RJ - Vários órgãos do Ministério da Saúde, da [...] você tinha, às vezes, serviços na mesma rua e que não dialogavam. Quando botou sentado na mesa, “Mas você faz isso, faz...?” eu assim, sentado, admirando para você vê como é lógico a ideia do único, de unificar, né? Aí as pessoas começaram a trocar a possibilidade de se empoderar, cada um trazendo a contribuição que tinha. Às vezes, estavam na mesma rua, enquanto outros não tinham nenhum, né? Então nas AIS eu fui vendo, e quando estava naquele processo, era ainda a Ditadura, mas já a nossa ideia de construir. Então o SUDS veio no elemento de um sistema descentralizado unificado de saúde na construção, até que a lei veio e vingar, aí aprovou a constituição, veio a Lei Orgânica. Quando veio a Lei Orgânica, você vê que [Fernando] Collor vetou, e precisou mais três meses de luta, porque ele vetou, não por acaso, foi o repasse e a participação popular, duas coisas cruciais, mostrando como ele era coronel, né? Mas ele foi obrigado, na fragilidade dele, e aí, sim, nasce o sistema único. Então foi muito nesse sentido, obviamente era muito mais vulnerável. No SUDS, a gente teve aqui a sorte de um Paulo Moraes no INAMPS, porque o SUDS e o INAMPS ainda existiam. Em alguns estados tinha o INAMPS na visão tradicional, o superintendente de lá era conservador, as forças políticas não conseguiam nomear via federal, então teve muito problema. Nós tivemos êxito. Criamos a saúde para o trabalhador, que deveria merecer o nome de Paulo Moraes, que ele foi um grande entusiasta do CESAT, entendeu? O CESAT foi uma grande ideia, e o Paulo Moraes foi [...] o nome deveria chamar “Centro de Saúde do Trabalhador Dr. Paulo Moraes”. É uma injustiça ao Paulo.

TF – Queria só que o senhor pegasse outro ponto, não desse gancho.

RJ – Mais ponto?

TF – Mais ponto.

RJ – Pô, eu estou ficando rouco.

[risos]

TF – Que é a questão das disciplinas, disciplinas não, da pós-graduação que vocês foram criando. Quando separou vocês ficaram só com a graduação. Depois vocês foram criando.

RJ – Até a residência que eu achei um escândalo. [vozes sobrepostas]

TF – Isso, residência.

RJ - Mas a residência nos tiraram, que era a residência em Medicina Social. Isso foi de uma injustiça, a minha única mágoa do comportamento de Jair [Jairnilson Paim] nesse processo, porque ele sabia.

TF – Depois criaram a residência aqui?

RJ – Aí criamos a nossa, interessante, a Medicina Preventiva, e depois criamos [...] aí tivemos que vir para duas, e que aí não fomos tendo o médico sanitarista, e criamos uma no perfil [...] a vocação nossa, que nós tínhamos vários médicos do trabalho, por isso que a nossa pós-graduação também é ligada ao mundo saúde e ambiente do trabalho. Foi a vocação que nos deixou no espaço onde ficamos, e aí criamos a residência em Medicina do Trabalho. Ela existe até hoje. O Pena já acha que ela está superada pela dificuldade, a visão muito empresarial, hoje, que o médico do [?] não é mais aquela visão de nossos. Quem coordenou essa residência durante quatro anos fui eu, e tenho orgulho de dizer: “Eu ajudei como coordenador de uma residência que formou médicos do trabalho, e não médicos do capital.” Se você [...] não é por acaso que muitos destes estão, hoje, no Departamento [?], têm um vínculo com esse papel, com essa ação: Marcos Rego, Rita Fernandes, Mônica Angelim e o Paulo Pena, que não foi meu aluno porque esse foi meu contemporâneo quase, um pouco mais velho. Então isso foi uma vocação forte que nós temos, foi essa, e que dá esse processo.

TF – Aí vocês criaram uma pós-graduação em Saúde em Ambiente de Trabalho?

RJ – É, e foi uma luta difícil porque teve um número pequeno para construir. Você sabeo que precisa das articulações, né? Fernando [Martins] teve um papel nisso, ele é o grande [...] pela parte ambiental.

TF – Sim, mas na residência [vozes sobrepostas]

RJ – Na residência não, na residência fomos nós, construímos, eu, Vera [Formigli], tinha uma história nisso, Marco e Pena.

TF – Aí, no Estado, nessa área de saúde em ambiente [...] e trabalho [vozes sobrepostas]

RJ - A pós-graduação é mestrado em Saúde em Ambiente de Trabalho, mais amplo, que aí é a vocação de Léo, fortíssima, e a vocação de Pena [vozes sobrepostas]

TF - Mas hoje em dia você tem mestrado e doutorado?

RJ - Não, essa é a luta, é a luta porque a dificuldade [vozes sobrepostas]

TF – Vocês têm [...]

RJ – Primeiro por um número desse tamanho, desse tamanho, né? A gente tem pessoas que não têm inserção em pós-graduação, professora Sumaia [Boaventura], vários outros. Eu tenho, eu não sou médico do trabalho. Eu tenho porque eu ensino, aí pela questão epistemológica, eu ensino metodologia, então eu dou minha contribuição. Eu não vou dar conta de tudo, aí eu dou conta da [...]

TF – Mas a Medicina do Trabalho é uma linha de vocês [vozes sobrepostas]

RJ – Não é Medicina, não, é muito bonito. Nosso curso é lindo! Já tivemos físico, químico, temos todos [?] mestrado. A residência é que é Medicina do Trabalho. Lá nãoé Medicina só não, é Ambiente. Uma vez um arquiteto [...]

TF – Saúde em ambiente de trabalho [vozes sobrepostas]

RJ - O arquiteto foi discutir. Sala de aula, para mim, sempre foi das relações de poder professor/aluno. Para um arquiteto, eram as condições físicas. Essa escola ficava junto do aeroporto. Pena, quando viu a dosagem, isso o ambiente de trabalho para a ocupação para os alunos também, disse que poucos lugares de trabalho ele viu naquele grau: “Olha que horror aquela sala pro aprendizado, você estar num ambiente nesse ponto, onde para um médico do trabalho, experiente, faz a analogia dessa forma.” É cada produção! A minha orientanda trabalhou com a baiana do acarajé. Ela é nutricionista, é claro. Lindo! Uma visão de miasmática, elas acham que engordam porque elas não comem acarajé é pelo miasma. Elas incorporam! Lindo, né? Eu, por exemplo, só vou para o acarajé se ela for gordinha. Se for magra, eu tenho uma dificuldade. É um pré- conceito terrível. E bolinho de Jesus eu não como. Eu tenho, como bom baiano, eu quero os bolos para Xangô. Eu acho que [...] eu sou agnóstico, mas se estiver nos orixás, é Xangô meu [?], então eu quero comer, que é o bolo de Iansã para Xangô. Linda a experiência! Abandonadas na rua, tendo que negociar com a boa-vontade do cara do bar para poder deixar elas urinarem [...] é chuva, [?], violência, roubo. Menina, é um mundo que esse encantamento de a gente ver umas poucas privilegiadas protegidas junto ao posto policial, mas a maioria das baianas na rua. Linda, tinha que ser uma [...] é esse olhar [...] uma nutricionista [?], eles com obesidade e sobrepeso porque não podem sair, não têm para onde [...] e comendo aquelas porcarias todas, ficam sentadas, comendo. Tudo com sobrepeso porque o tempo que elas têm é comer aquele *fast food* que eles botam a maquininha para não sair do [...] uma escravidão, né, o infoproletariado, né, como diz, né, esse termo cunhado. Então é esse, é um mundo. Agora, há dificuldade para você porque precisa dar o salto para o seu nível de produção. Nós temos uma posição muito dura a esse produtivismo, entendeu, que é assim, uma coisa que no ISC tem seus defensores, né? Mas o Marcos está fazendo um trabalho belíssimo tentando [...] convidando a Rosana Aquino, que é uma pessoa que tem muita experiência, para a gente tentar qualificar porque eu acho que é doloroso para o menino, ele faz o mestrado, aí eles vão fazer o doutorado no ISC porque não temos. Tomara que saia, né? Está uma luta aí, difícil, não é fácil.

JN – Professor, nesse processo, com a criação do ISC, o senhor já falou muito que o ISC ficou muito com a pesquisa, etc. Mas qual seria, na sua visão, a importância da criação do ISC para a Saúde na Bahia, para o desenvolvimento da Saúde, a relação com o serviço?

[vozes sobrepostas]

RJ – Aí eu vejo muito, onde ele estivesse, com o ISC ou não, que é papel de Jair [Jairnilson Paim] e os seus discípulos. Carmen [Teixeira] é um dos exemplos de uma pessoa que segue. Eu acho que aí eles têm, Jair [Jairnilson Paim] tem um papel nisso. Ele formula criticamente, então esse grupo tem, né? Não é ele como um todo, e acho que o instituto, pela [...] ele se nomeia de Saúde Coletiva, que é a Saúde Pública, ao meu juízo, então é um compromisso, foi[...] poderia ser muito mais. Eu citei o exemplo da OS vir [risos] o grau de representação estava muito [...] porque é um escândalo, era para estar lá. Mas há um conjunto de pessoas, uns técnicos e uma geração mais nova, que têm esse compromisso, às vezes até ideológico demais. Muitos deles ensinam no BI. Quando eu trago para os meninos aqui – eu ensino História da Medicina – eu peço, a maior realização da História da Medicina é que o sujeito bote o SUS. Não é no Brasil não, quer dizer, é ideológico demais. Quer dizer, pensar a medicina, é a anestesia, a septicemia, a vacina e tudo, e o cara botar o SUS, eu digo com todo o carinho, está aqui o sujeito, o protagonista, de dentro do SUS, como delegado da 8ª e com uma luta dentro da Reforma Sanitária, escrevendo artigo. Agora, pelo amor de Deus, [?]. Então, às vezes, é o componente ideológico, idealizado, que tem que entender que o SUS é uma defensora, mas entender que entre o que está no papel e o que está construindo, há um grande desafio, né? Os governos, e aí a gente sabe das elites do governo Lula e do governo [...] comungo com Jair [Jairnilson Paim], que sei que ele tem essas críticas também, tem [...] já li artigos dele. Isso eu digo para os meus alunos, né? Há esse desencanto. Eu disse a vocês que eu sou PT e judeu, a qualquer momento podem querer me botar num campo de concentração. E tenho uma crítica contundente, não foram capazes de avançar adequadamente, né? Então o SUS, hoje, tem muitas carências, mas ali eu tento mostrar também o que ele tem, os centros de referência de qualidade, porque a mídia faz o que não presta é SUS, e o bom é o Hospital Aliança. Quer dizer, 70% dos serviços privados são um [?] a mais, miserável, mas é desproporcional. Na hora do [?] privado é o Aliança, agora, no público é a emergência, é a unidade de saúde. Então você tem centro de referência [...] qualidade do SUS em tratamento para câncer, para uma série de outras coisas. Minha sogra, eu me lembro, nenhuma mediação minha, com prestígio de seis presidências, nada disso, ela foi pela regra lá com a filha e ganhou a cadeira dela para usar em casa, ganhou a cadeira de tomar banho. Quer dizer, esses centros de deficiente do CICAN, o CICAN é lindo. Eu criei na faculdade

o prêmio [...] tem um prêmio de cem anos com Alfredo Britto, pesquisa, e Manuel Torino, para ensino. Aí [Manoel] Barral pediu para ele administrar porque tinha umas coisas meio malandras. Botei pelo menos um membro de cada departamento para evitar familiarismo, aquelas coisas, clientelismo, né? E quando eu fui redigindo, a finalidade universitária são três, só tem duas aqui, premiadas. E a gente tem, isso é simbólico porque na formatura, a medicina tem uma festa poderosíssima, e a gente nomeia e dá o prêmio Manuel Torino ao melhor aluno, que tem o melhor coeficiente, esse é mais simples. O de pesquisa envolve pesquisa, publica [...] Aí eu criei o prêmio de extensão baseado no professor [?] Andrade para o militante, o aluno que sai, trabalha no social, [...] vai para o ELV-SUS [Estágio Local de Vivência em SUS], onde liderou... o menino organizou mais de quinze ELV-SUS. Sabe o que é o ELV-SUS? É o estágio em SUS, que eles fazem em Vitória da Conquista. Faziam também em Aracaju. Ali em Vitória da Conquista, lá na experiência, desde [Jorge] Solla. Tem mais de 20 ou 30 ELV-SUS. O menino aqui dos organizadores do DA de Medicina. Então alguns desses meninos [...] é uma experiência que Domingos Coutinho tinha no interior da Bahia, em Psiquiatria, a nível primário. A minha experiência, eu tive uma atividade curricular em comunidade, no ACC, num povoado rural, rapaz. Já ganhei prêmios nacionais, entende? Então esses alunos passaram a ter o prêmio, que é um “negão”. Eu digo, de certa, temos que fazer a reparação, tem que ser um mulato e tem que ser um afrodescendente. Aí barravam de novo, eu nem vou [...] eu já tinha a lista. Ia botar Luís Anselmo, que é nome de bairro, ia botar o Martagão Gesteira. Tinha um bocado de mulato e negro para na lista. Digo: “Não, não, não, vamos centrar no nome.” Até os conservadores [...] você vencer dois preconceitos: um psiquiatra e negro nomeia [...] e alunos meus, Lua Morena escolheu que prêmios que ela ganhou, Juliano Moreira. E o menino, agora escapou o nome dele, ele escolhe, estava até falando, o Prêmio Juliano [Moreira]. Ele, negro, dirigiu o CICAN por vários anos. Uma experiência belíssima de administração. Ele abriu espaço, tirou aquelas cancelas. Esqueci agora, escapei de dizer o nome dele, mas vou lembrar. Então é bacana isso, você dar o nome a [...] sobretudo com o sistema de cotas, você vê cadavez mais a presença negra na faculdade, que não existia. Essa é uma revolução incrível, um dos méritos do Governo Lula, Dilma. O que eu critiquei no SUS eu tiro na universidade. Aquele pavão, professor universitário, foi um horror, uma desgraça para universidade, Fernando Henrique Cardoso. É uma tragédia na política universitária, como também na fome. Ele deixou 35 milhões de famélicos, e Lula e Dilma tiraram o país do mapa da fome. Estudo mais duro, mais estrito, mostra 14 milhões, mas

estudos mais amplos mostram 35 [...] maior que uma Argentina de famélicos. Aliás, a Globo ganhou um prêmio denunciando isso, né? É famoso aquele Globo Repórter lindo, que a mulher morre no programa, quando volta, né? É terrível, pô! E isso é uma realização fantástica. Então tem essas experiências assim. O que é a força da História, hein! Quando ‘nego’ pensa que História é coisa morta, eu mostro [...] o prêmio, esse espaço cultural, quando você sair, chama Acadêmico Sérgio Cardoso. É um estudo meu, científico, nunca teve um estudo científico de um abolicionista que, o Barão de Cotegipe, que era o nome mais poderoso do Império, Ministro da Justiça, era baiano, veio à Bahia e resolve levar uma criança para levar de souvenir de viagem, para dar de presente a amigos.

TF – É mole?

RJ – Rapaz, quando denuncia isso aos estudantes. Aí, o Sérgio Cardoso, não é o artista, não, é um cara do século XIX, ele sequestra o menino, é um abolicionista [?] mulato e esconde, é preso. Ele acaba deixando o curso pelos ideais [...] e vai trabalhar com José do Patrocínio no Rio. Ele se torna o redator, o chefe de reportagem da redação do Jornal José do Patrocínio. Aí teve bilhete de Olavo Bilac, Carlos Gomes: “Sérgio,” – para você ver o prestígio do cara – “será que eu posso botar uma coisinha?” É incrível, a família me deu tudo isso. Escrevo o artigo, ganhei até um prêmio, o DA bota Espaço Acadêmico Sérgio Cardoso. Isso é bacana, quer dizer, um abolicionista, um republicano. Então é o uso [...] o elemento da História usado como ferramenta para a contemporaneidade, para inspirar o contemporâneo.

TF – Está bom.

RJ – Está bom?

TF – Para mim está ótimo.

RJ – Maravilha.

TF – Obrigada. [vozes sobrepostas] Ah, espera que você tem que assinar tudo isso aqui.

RJ – Ah, tenho que assinar.